

Luiz Augusto Dzis

VIAGENS DE UM PÉ-VERMELHO

www.vitarium.com.br/augusto

augusto@vitarium.com.br

Luiz Augusto Dzis é um autêntico pé-vermelho, e, ao eger *viagens*, escolheu muito bem o título do seu novo livro.

A expressão *pé-vermelho* designa os norte-paranaenses, em especial os que vivem na parte da região coberta pela fertilíssima terra roxa, de onde, no início da colonização (a partir de 1930), brotava o ouro verde representado pelo café. Dzis nasceu em Borrazópolis, perto do centro geográfico da região.

Viagens de um Pé-Vermelho é um título adequado não só porque *viagem* é uma gíria que significa liberdade para pensar. Essa palavra também desperta nostalgia nos *pés-vermelhos*. A região nasceu e cresceu regada pelo suor de viajantes de muitas partes do Brasil e do mundo que aqui fincaram as estacas na esperança de encontrar um lugar definitivo para morar e ser feliz. Encontraram. E como não perderam laços com a terra de origem, a população daqui vive em permanente *viagem*.

Que nem o Luiz. Que bom que ele usou sua liberdade para pensar, *viageou* e escreveu este livro. Assim nos ajuda a entender o mundo contemporâneo. E nos fornece um passaporte para a liberdade que ele busca, aquela que é fornecida pela expansão espiritual e que minimiza nossa alienação cotidiana.

Chico Amaro, jornalista e editor

Para Ilda, Yasmin e Lara, meus amores.

O sol é apenas uma estrela da manhã.

Thoreau

1. Elogio da espontaneidade	6
2. A verdade	12
3. O amor	17
4. Informação	22
5. Fins	28
6. Humanos	32
7. Referências ou reverências bibliográficas	35
8. Coexistencialidade e cooperatividade	40
9. Sobre a diferença	49
10. O educar	53
11. Desafio cultural	62
12. Teoria e prática	69
13. Crítica da lógica senhorial	75
14. Histórias de filósofos	80
15. Educação e sentimento	85

16. Saber e falar	90
17. Sobre a religiosidade	94
18. Em defesa do autodidatismo brasileiro	98
19. Erudição e parapsiquismo	103
20. Porque estudo Filosofia	110
21. Faces	118

ELOGIO DA ESPONTANEIDADE

Uma das formas mais emblemáticas de simbolizar o homem contemporâneo é aquela que o mostra andando de um lado para outro com bolas de chumbo atadas aos pés. Este peso – representado pelos nomes dinheiro, bens, sucesso, entretenimento, poder – imposto pela sociedade e passivamente aceito pelo indivíduo, faz dele um eterno insatisfeito e nauseabundo existencial.

Por que isso acontece? O que está por trás dessa indolência, dessa falta de criatividade? Até que ponto o homem faz jus à afirmação de que, para o sistema – qualquer que seja –, ele não passa de um índice estatístico?

Costumamos designar a Idade Média como um período obscuro, confirmando a tendência da época posterior de arrogantemente atacar a importância da anterior. Porém, em que bases formulamos esse juízo? É evidente que o mundo medieval cometeu seus “pecados” (inquisição, cruzadas, escravidão, entre outros), mas, em

certos aspectos, talvez estejamos pior do que antes. Por exemplo: com a fragmentação do conhecimento - a partir de Descartes - o advento do capitalismo e a revolução industrial, o homem, na ânsia de a tudo dominar, passou da condição de *integrante* para *opressor* da natureza, causando um desequilíbrio ecológico brutal. Há 500 anos, o respeito à natureza era muito maior; nisso, estamos mais “atrasados” do que na época medieval.

O que isso tem haver com a espontaneidade? A relação mais direta que podemos fazer se refere ao momento em que o homem decidiu se distanciar das coisas (submetendo-se ao método científico *sujeito-objeto*) e se colocar em um nível superior (subjugando ainda mais os entes, inclusive os próprios semelhantes). Com essa atitude, a exacerbação da guerra, dos desníveis sociais e o desenvolvimento da refinada tecnologia atual foi uma questão de tempo, sendo a última – quando mal interpretada e usada – a maior fomentadora da ilusão humana de querer controlar minuciosamente sua vida e,

pior ainda, achar que tem o direito de dominar a existência alheia.

Por ficar muito preso a planos e previsões, o homem alimenta exageradamente o controle, deixando a espontaneidade subnutrida. Porém, a vida não pode ser totalmente controlada, monitorada, dissecada e colocada a serviço exclusivo do ser *humano*; fazer isso é inverter o fluxo natural da existência, que é imprevisível e no qual o homem desempenha um papel que não é “mais elevado” que o dos outros seres, como o nosso pequeno ego gosta de imaginar.

O cientista-materialista que está em nós objetiva a repetição, a uniformidade, a sistematização; o poeta-espiritualista quer a singularidade, a pluralidade, a criatividade. O homem deseja o controle; a vida busca a espontaneidade. Veja a criança, como é feliz por se movimentar no agora e ficar maravilhada com o novo; veja o adulto, como é infeliz por se fixar no ontem/amanhã e ficar desiludido com o velho: velhos preconceitos, velhos paradigmas, velhos desejos sublimados, velhos

sonhos nunca realizados. Lembro-me de ter escutado uma pergunta profundamente espirituosa: *você já viveu 10.000 dias ou o mesmo dia 10.000 vezes?* Faz pensar.

Se a espontaneidade descortina o que há de ambrosia nas coisas, por que insistimos em considerá-la algo secundário, sem importância? Até quando continuaremos com a propensão míope de apenas valorizar o útil, o “economicamente viável”, “a importante ferramenta evolutiva”, o “indispensável instrumento tecnológico” e os demais mitos da nossa atual existência mecanizada?

Sim, a procura pelo útil é parte importante da vida de quem está hipnotizado pelos ditames sociais contemporâneos. Porém, aquele que reduz o mundo apenas ao seu aspecto utilitário acaba se tornando miserável. Ao confundir utilidade com realidade, o homem equivoca-se, achando que todas as coisas ou acontecimentos necessariamente têm de exercer alguma função específica. Ao ocupar todo o seu tempo com perguntas e em maneiras de respondê-las, esquece de viver.

O dicionário define a espontaneidade como a vontade ou a ação livre, não dirigida, natural, ou seja, sem *segundas intenções*. Mesmo a ciência, em última instância, pauta-se pela espontaneidade, visto que a maioria das descobertas e inventos dá-se através de alguma intuição, e *a partir dela* é que o raciocínio atua. Portanto, é difícil contestar a afirmação dos místicos de todas as épocas – com a qual os físicos quânticos estão começando a concordar – de que a racionalidade e o controle são desdobramentos da intuição e da espontaneidade. Não é à-toa que o interesse pelo misticismo cresceu entre muitos cientistas, principalmente pelo Taoísmo, em virtude de sua postura espontânea, de abandono frente à vida.

Diante disso tudo, fica a pergunta: como escapar das grades do extremo utilitarismo da nossa era? Uma das chaves para fruir o dia-a-dia com mais prazer e pacificação talvez seja ficar atento àqueles momentos e movimentos fugazes aonde se manifesta a espontaneidade: um encontro imprevisto com uma pessoa amiga, uma anedota

inesperada num carrancudo texto científico, um presente dado ou recebido fora de uma data convencional, um sorriso de alguém desconhecido, um *insight* sobre alguma questão íntima... No parâmetro do tempo sua duração é breve, mas na escala da alma seu impacto é profundo.

A VERDADE

In te redi: in interiore homine habitat veritas.

Santo Agostinho

A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes,
não existe homem interior. O homem está no mundo,
é no mundo que ele se conhece.

Merleau-Ponty

A questão do que é ou não verdadeiro é tão ampla quanto as divergências a respeito do tema. Ceticismo e Teologia no passado, Iluminismo e a Escola de Frankfurt no presente, são alguns dos representantes que atestam a diversidade de idéias em relação aos critérios de eleição da verdade.

Ao longo do tempo, alguns conceitos determinantes daquilo que se pode considerar a verdade foram tomando forma. Por serem muitas vezes vistos erroneamente como antagônicos ao invés de complementares, deve-se estar atento à importância de o indivíduo deixar em suspenso qualquer julgamento

preconcebido do que seja a verdade e, concomitantemente, permitir a influência do meio, mas não se pode esquecer que suas *verdades essenciais* derivam de si próprio. Assim, ele terá mais chance de perceber as *verdades universais* (elas existem?).

Em relação à verdade, primeiro é importante fazer a distinção entre *definição* de verdade e *critério* de verdade. Pode-se definir a verdade afirmando o que ela é ou não é; porém, em toda afirmação está embutido algum critério utilizado em sua formulação. Abbagnano, em seu Dicionário de Filosofia, enumera cinco conceitos (definições e/ou critérios) básicos do que vem a ser a verdade: correspondência, revelação, conformidade, coerência e utilidade. Conheçamos, *en passant*, cada um.

A verdade como *correspondência* é a mais usual e remonta à Antigüidade, onde se define que “verdadeiro é o discurso que expressa as coisas como são e falso aquele que expressa como não são” (Platão).

Como *revelação*, a verdade é a voz empírica e teológica que a sustenta, a primeira dizendo que

a verdade se mostra de imediato pela sensação ou intuição, a segunda afirmando que uma fonte transcendental revela ao homem suas verdades eternas.

A verdade é *conformidade* quando as coisas têm de obedecer a um conceito ou regra específicos.

Como *coerência*, surge ao sustentar que aquilo que é contraditório não pode ser real ou verídico.

Como *utilidade*, consideramos verdadeiro somente o que possui um fim útil à humanidade.

Hoje a idéia mais aceita do que seja a verdade é a de que ela espelha a validade ou eficácia do processo da cognição – ou seja, seu êxito –, pretendendo prescindir da distinção entre definição e critério de verdade. Porém, ao fazer isso, aproximamo-nos do critério de utilidade já visto, sendo, portanto, um conceito parcial e limitado. Não poderia deixar de ser, porque esta concepção apenas reflete o claustro da contemporaneidade, alucinada pelo relógio, pelos números e por novos ceticismos.

A verdade seria uma terra sem acessos, para alguns, ou com múltiplos caminhos para ser alcançada,

para outros. Enquanto José afirma trabalhar com *verdades relativas de ponta*, Joaquim constata que muitas destas são *verdades imutáveis com pontas relativas*.

Neste debate, não podemos deixar de citar a famosa alegoria hindu: tateando um elefante no escuro, ao encontrarem as trombas, um afirma serem elas a verdade; outro, ao agarrar as orelhas, diz que a verdade nelas está; um terceiro reclama que a verdade é a pata do animal;

e assim por diante. Com o tempo (milênios?), descobrem que a verdade é o mamífero *inteiro*. Depois, percebem que a verdade é a *manada* para, logo após, vislumbrarem que a verdade *é toda a selva ...*

Isto mostra que a verdade não se relativiza nem se absolutiza, mas apenas se amplia imutavelmente. O produto (de elucidação da verdade) é relativo; o processo (de buscá-la) é absoluto. *Mutatis mutandi*.

Diante destas considerações, onde fica o pobre indivíduo? Terá ele a chance de encontrar a verdade? E se porventura achá-la, conseguirá "praticá-la" neste mundo

dito *humano*? Esta, definitivamente, não é uma questão para se responder de pronto, mas para ser vivenciada singularmente por todos os indivíduos a cada instante e de modos diferentes, sendo um dos principais eixos em torno dos quais gira a existência filosofante.

Pelo exposto, fica *evidente* (a evidência é um critério de verdade!) que a sociedade está repleta de verdades – ou melhor, de convenções/imposições – para todos os gostos, ficando o indivíduo livre para optar entre aceitar, repudiar ou tentar transformar o que aí está. Independente de escolhas circunstanciais, o importante é cada um sempre procurar aquela cifra que permite a convivência humana e a faz tão bela e *verdadeira* quando desobstruímos seu manifestar: o amor.

O AMOR

*O único alquimista e transformador
que a tudo transforma em ouro é o amor.*

*A única mágica contra a morte,
o envelhecimento e a vida trivial, é o amor.¹*

Escrever *sobre* o amor é difícil, *com* amor é fácil. Isto porque, quando discorremos sobre este sublime sentimento, temos que nos distanciar para tentar “explicá-lo”, alicerçando-nos em definições e conceitos por demais abstratos, racionais. O amor, visto pelos olhos do intelecto, torna-se oco, platônico, spinozista; a maioria prefere aquele dos amantes apaixonados, tão proclamado pelos poetas. Por quê? Porque o amor, quando vivenciado da forma mais espontânea e autêntica possível, torna-se a coisa mais concreta do mundo, confundindo-se com a própria existência. É por isso que, quando amamos

¹ *The Diary of Ana is Nin*, vol. 4 (Harcourt Brace Jovanovich, NY, 1971); pág. 174.

e somos correspondidos nos sentimos tão vivos, completos, ou melhor, complementados.

Classificaram o amor em três patamares: Eros, Philos e Ágape. O primeiro diz respeito àquilo que já na adolescência nos iniciamos: troca de olhares furtivos, coração acelerado, gestos sensuais, pensamento ininterrupto na pessoa amada. Nele deixamos transcorrer livremente o jugo da natureza, que é a consumação da paixão entre dois “animais”, como lembra Schopenhauer (*Metafísica do Amor*). Tal consumação é capaz de romper qualquer convenção social, fazendo os amantes cometerem “loucuras de amor”, inclusive o suicídio. Sim, de Shakespeare às Soap Operas, de Beethoven ao cancionero, Eros mostra sua onipresença e, para (quase) todos, sua onipotência.

Com o tempo e para não muitos, um outro círculo se abre, no qual Philos traz em seu bojo as tão apreciadas qualidades do companheirismo, solidariedade, compaixão, confluência de interesses, fazendo do relacionamento uma antecâmara para uma possível irrupção de Ágape, aquele

amor sobre o qual nada podemos verbalizar, sob o risco de profaná-lo, já que apenas os Iluminados parecem possuí-lo, ou melhor, por ele são possuídos, pois, nas palavras de Paulo Coelho (*O Diário de um Mago*), ele é “o amor que devora”.

Voltando ao início deste ensaio, minha indagação continua: o que posso falar sobre o amor? Quando flechado pelo Cupido ou nas raras vezes em que Philos parece me visitar, sou capaz de produzir expressões mais belas do que o normal, mas somente para a mulher amada e não em âmbito geral. O amor não se comenta, se vivencia. Não cabe em palavras; elas estão contidas nos apetrechos do amor e não o contrário.

Por isso sou forçado a reconhecer que estas linhas são as mais difíceis que já me propus a escrever. Há muito tenho relutado em falar sobre o amor, porém, por ser ele o âmago da vida – sem o qual, segundo São Paulo, “nada seríamos” – não poderia deixar de, ao menos, tentar abordá-lo mesmo que de forma breve e, inescapavelmente, superficial. Mas basta de *mea-culpa*.

Para mim, o ponto mais intrigante da experiência amorosa se refere às - não tão - ocasionais justaposições de Eros e Philos num relacionamento e, de forma mais acentuada - por isso, mais *conflitante* - quando terceiros estão envolvidos: no início, Eros é dominante, passando o cetro, aos poucos, para Philos; se for um pseudo-Philos, abre-se uma fenda por onde o Eros de uma(s) outra(s) pessoa(s) pode se infiltrar, resultando no famoso *trio* - em alguns casos quarteto ou quinteto – *amoroso*. E aí se tem toda sorte de tribulações. E aí se faz jus ao *Canto de Ossanha*, de Vinícius: “Pergunte pro seu orixá, o amor só é bom se doer”.

E por que essa dor seria “boa”? Talvez porque (só) assim compreendemos a natureza egoísta do amor erótico, o qual reduz o mundo ao objeto “amado”. Sim, *objeto* e não *pessoa* amada. Pessoas não são descartáveis, mas objetos sim e é isso o que mais notamos no campo dos relacionamentos amorosos nesta época pós-moderna, onde a “liquefação” de Zygmunt Bauman (*Amor Líquido*) dá o tom.

Até agora, em minha parca vivência, pude constatar apenas uma verdade *amorosa*: quanto ao amor, não somos proprietários, mas inquilinos; só seremos verdadeiramente pacíficos e felizes quando nos permitirmos ser perpassados por esse sentimento, pois, na realidade, não amamos, mas sim é o Amor que ama a si mesmo através de nós.

INFORMAÇÃO

“Da janela do meu quarto abarco o mundo.”

Lao Tzu

Se o Iluminismo elegeu como sua deusa a razão, hoje o mundo fez da informação sua nova divindade. Não importa muito ao homem pós-moderno a qualidade da informação ou o que fazer com ela, mas sim estar informado sobre todos e sobre tudo. Ou *quase* tudo, porque, em relação a si próprias, a maioria das pessoas mostra-se extremamente *desinformada*.

A informação, em si, é um bem imprescindível à manutenção e evolução da consciência, ou seja, sem informação não há esclarecimento, não há crescimento. A contemporaneidade, infelizmente, ao preocupar-se em demasia com a natureza objetiva do ato informativo (que vem do mundo para o indivíduo), acabou “esquecendo” o lado subjetivo desse ato (que emerge do indivíduo para o mundo), confundindo, assim, excesso de informação

(conhecimento) com a forma mais correta de se usar o que se conhece (sabedoria).

Qual é a essência da informação? O que, exatamente, ela nos fornece? A informação está estreitamente vinculada a dois vetores: com a possibilidade de manipulação do meio circundante (quando consideramos seu aspecto técnico ou simplesmente utilitário); ou com a oportunidade de aprofundar o autoconhecimento (levando em conta o prisma existencial).

Indivíduo e sociedade saudáveis seriam aqueles que fazem da busca do conhecimento de si o *leitmotiv* e consideram acessórias as informações de caráter puramente técnico. Seriam pessoas que não teriam dúvida ao dizer o que é mais importante nas perguntas abaixo: consultar três vezes por dia o índice da bolsa de valores ou empenhar-se na resolução de um problema afetivo? Ser um *workaholic* ou dedicar mais tempo à família e aos amigos? Sempre “torrar” o fim de semana festejando ou periodicamente realizar algum trabalho voluntário?

Instruir-se visando apenas o acúmulo de dinheiro e *status* ou estudar para compreender melhor as coisas da vida? Gastar todo o tempo em atividades mundanas ou reservar alguns minutos diários para meditar sobre a existência? Procurar única e exclusivamente saciar os apetites e desejos egóicos ou buscar a autotranscendência?

Para ilustrar, façamos um paralelo entre a América e o Tibet. O cidadão médio americano lê jornais, revistas e livros, assiste televisão, vai ao teatro e ao cinema, viaja freqüentemente, navega na internet, possui grau universitário, participa de cursos e congressos, enfim, pode ser considerado um indivíduo “bem informado”.

Já o tibetano – e aqui não estamos falando apenas do monge - talvez não faça nada disso, ou muito pouco, todavia, em contrapartida, cultiva a espiritualidade muito mais que o americano. Qual dos dois podemos considerar mais feliz ou realizado como ser humano? Mesmo com a agressão chinesa, são raríssimos, entre o povo do Tibet, males como depressão, delinqüência, suicídio, corrupção e drogas. Enquanto isso, na América...

O Ocidente, por enfatizar o aspecto superficial e técnico da informação ao invés do seu conteúdo existencial, pode assim mercantilizá-la ao extremo, constituindo-se num dos principais alicerces do atual contexto político-econômico. Não é por acaso que a Microsoft (a gigante da informática) e a CNN (a vedete do jornalismo) são ícones da tão badalada “Era da Informação”, que transformou o mundo numa “aldeia” e nós em nativos *estupidamente* bem informados.

Nada contra Bill Gates e Ted Turner (não queremos desempregar os informatas e os jornalistas!). Pelo contrário, tanto a tecnologia quanto a imprensa, quando bem utilizadas – como qualquer outra coisa – são uma benção, uma conquista da sociedade. Combatê-las seria neofóbico e anacrônico. A preocupação, aqui, é com a inversão de papéis em relação àquilo que se almeja com a informação: Poder ou pacificação? *Status* ou altruísmo? Manipulação ou esclarecimento?

Observemos a informática e a imprensa um pouco mais de perto. Nossa época é materialista, importando

apenas aquilo que pode nos munir para o domínio da natureza e das pessoas. Daí o fascínio pela informática, representante maior da tecnologia, do poder de raciocínio lógico do homem. O endeusamento da informação técnica se deu principalmente devido ao surgimento dos computadores. Em seu esteio, a imprensa passou definitivamente a ser o 4º ou, muitas vezes, principal poder, porque, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, pôde aprofundar sua influência junto à população, informando-a conforme interesses muitas vezes obscuros, ou melhor, escusos.

Mas esta influência ficará sensivelmente amenizada quando as pessoas, aos poucos, voltarem sua atenção para aquela informação de qualidade superior e que realmente faz diferença em suas vidas: a que vem de dentro de si mesmas. Romantismo? Escapismo? Não, Realismo, haja vista o exemplo tibetano citado. Por sinal, existe coisa mais previsível do que as notícias de um jornal? Chega um dia em que os fatos – ah, os fatos – políticos, econômicos, policiais, esportivos, científicos etc. ficam tão pequenos

diante de realidades maiores, que adquirem uma mesmice secundária e, para os radicais, totalmente dispensável.

Vimos ao mundo, entre outras coisas, para conhecê-lo. Podemos obter muitas informações externas a seu respeito, mas, paradoxalmente, somente iremos entendê-lo em profundidade quanto mais fundo mergulharmos em nosso oceano íntimo, nos “informando” sobre seus mistérios e maravilhas. Parafraseando o imperativo socrático que há 2.500 anos paira sobre nós, podemos afirmar: “Homem, informa-te a ti mesmo”.

FINS

A questão do finalismo é um dos tópicos mais interessantes da indagação filosófica. A teleologia² é inerente ao Ser ou apenas uma construção humana? Pode o universo ser livre de objetivos? O que é um objetivo? Até que ponto procuramos fugir do inexplicável nos escondendo atrás de falsas motivações? Buscar possíveis respostas para estas perguntas – o "para quê" estarmos neste planeta específico (Terra), participando deste emaranhado intersubjetivo (mundo) – torna-se, para nós, um "fim".

Onde vamos chegar?! Essa é uma pergunta-exclamação usada quase sempre para expressar indignação perante fatos hediondos mas que na verdade deriva de um questionamento mais profundo, com o qual o homem vem se debatendo há milênios: qual é a finalidade da minha vida?

² Termo criado por Wolff para indicar “a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas”. Abbagnano (*Dicionário de Filosofia*)

É um fato, para o homem, a sua extrema necessidade de saber aonde resultará o seu caminho; ele se preocupa mais com aquilo que lhe advirá do que com aquilo que lhe advém, se antecipando às coisas ao invés de fluir com elas.

Da afirmação aristotélica-tomista de que tudo concorre para uma determinada finalidade, passando pelo conceito central de Maquiavel – segundo o qual os meios justificam os fins – e chegando aos trabalhos dos finalistas contemporâneos, é difundida a crença de que a existência percorre uma trilha rumo a um objetivo (escatologia).

Contudo, falar em finalidade implica falar em seu alterego, a causalidade. Assim, ficou fortalecido o binômio causa-fim em detrimento do trinômio causa-meio-fim, no qual o elemento central (meio) talvez seja aquele que verdadeiramente interesse a nós. Por quê? Ora, se realmente nosso destino é alcançar um fim, qualquer que seja, como seria o *depois*? Duas direções aí se avultariam, uma um tanto quanto hedonista, outra, no mínimo, discutível: ou vivenciaríamos um gozo infinito ou, após

o ápice, voltaríamos ao início, apenas para percorrer o caminho novamente, num *eterno retorno*...

Isso revela a insegurança humana: preferimos nos enclausurar em nossas explicações do que conviver com o desconhecido, com o indeterminado. Pobre homem! Não vê que o milagre maior é justamente aquilo que ainda não se sabe, porque, se o soubesse de antemão, onde estaria a graça, a maravilha de descortinar o possível?

É quase insuportável imaginar um universo sem objetivos (segundo Simpson, a evolução orgânica não possui objetivos gerais nem específicos). Por isso, o homem constrói seu mundo pautado em planos e diretrizes, visando alcançar os *seus* objetivos e acabando, melancolicamente, por se tornar escravo deles. E o que é um objetivo senão o prenúncio de um outro? Seria criancice sair por aí dizendo às pessoas que se livrem de suas pretensões mediatas e imediatas devido ao caos que isso com certeza geraria, mas também é infantil forçar o universo a ser o espelho do homem, isto é, um ser ávido

para atingir suas “metas”. O *Kosmos* não é o departamento de vendas de uma grande empresa.

Daí a lucidez da proposta de Chestov: se a nossa existência não possui uma finalidade pré-estabelecida, nada melhor do que permitir que a “voz da consciência” – os sussurros do divino em nossa habitual algazarra mental – dirija nossos passos, mesmo que aleatórios.

Pascal alertou para a estupidez de procurarmos a causa ou o fim: cabe-nos o meio e não as extremidades, por sermos a interseção do finito com o infinito. Sábias, também, as palavras de Chuang Tzu: "*No seio do Tao, a era mais longínqua não se encontra a maior distância do que o momento que acaba de transcorrer*³".

³ NORMAND, Henry; *Os Mestres do TAO*; 188 p.; Editora Pensamento; São Paulo; 1985

HUMANOS

Falemos sobre uma das questões que nos acompanha de forma perene: o que, verdadeiramente, é o homem? Deus ou animal? Livre ou condicionado? Por que o homem tem essa necessidade de autodefinição, que parece impossível de ser atingida? Responder por completo estas perguntas talvez não seja mesmo possível; nem por isso devemos abandoná-las.

O homem é uma flecha cujo alvo não se sabe onde está. Ou melhor, estará no ponto que ele tiver escolhido, o qual, inevitavelmente, situa-se no limitado campo de sua percepção. Uma das definições mesmas do ser humano é a de que ele é um ser continuamente expansível, que busca – mesmo não o sabendo – transcender-se, ou seja, ampliar os limites de sua percepção. Como, na maioria das vezes, vê frustrada essa intenção, ele tenta "vingar-se", procurando controlar os semelhantes (uma das fontes da guerra) ou, em menor escala, trancafiar outros seres

(originando, assim, a idéia maluca dos zoológicos e suas gaiolas).

Para a filosofia, o homem é uma pergunta; para a teologia, uma afirmação; para a arte, uma obra; para a ciência, uma descrição. Afinal, o que significa *ser* humano? Divino, demasiadamente animal ou animal, demasiadamente divino? Tomara que Nietzsche não tenha se revirado em sua tumba com essa pergunta. Provavelmente não; ele deve estar em algum ponto distante na trajetória do seu eterno retorno...

Como é difícil discorrer sobre nós mesmos! De qualquer assunto falamos com eloquência. Entretanto, quando o tema versa sobre nossa natureza, nossa essência e existência, revelamo-nos gogos. Falar *dos* outros é fácil (*com* os outros, nem sempre!); falar de mim mesmo é complicado.

Daí o dilema do homem: para se conhecer, deve sair de si; entretanto, ao fazer isso, deixa de ser homem... Quando direcionamos nosso potencial de conhecimento para nós mesmos, temos que superar a dualidade sujeito-

objeto. No emaranhado das peripécias metafísicas, isso é até factível. Já no cotidiano ...

Alguns chamam a isso de fuga ou desvario, mas prefiro acreditar em minhas próprias experiências e na constatação de que não somos humanos, porém, *estamos* humanos, isto é, nossa consciência transcende a imanência dos corpos que porventura ocupa. Já estivemos menos do que humanos, agora estamos humanos e nosso destino (que não é determinado, mas possível) é superarmos nossa humanidade, tornando-nos algo que nossas concepções ainda não atingem (talvez o estado crístico ou búdico dos místicos e religiosos seja não *um*, mas *o* norte). É o que também disse Blondel: o homem está na esfera *transnatural* da realidade, situada entre a natureza e a supranatureza.

Como afirmou Sartre, estamos condicionados, pela existência, à liberdade. Escolher entre regredir, permanecer na mesma ou superar a si próprio é uma característica do ser humano. É isso que o torna fascinante.

REFERÊNCIAS OU REVERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Este escrito questiona uma diretriz de pesquisa adotada pela maioria das instituições de ensino, a referência bibliográfica, a qual, quando *aplicada cegamente*, solapa a criatividade dos alunos, transformando-os, no máximo, em meros retransmissores de idéias alheias, por não levar em consideração o principal: seu interesse pelas obras.

Muitas vezes, as escolas - talvez por fazerem parte das instâncias *normativas* sociais (e, portanto, até certo ponto *conservadoras*) – aplicam técnicas contrárias ao seu discurso explícito: o desenvolvimento da singularidade do aluno e a conseqüente expansão das realizações humanas.

A desconfiança é uma velha conhecida do homem. Sentimento que leva à autopreservação, essa característica remonta aos primórdios da espécie, pois o primitivo, nem sempre portador de um viés esclarecido, logo aprendeu que confiar demais nos semelhantes ou assimilar

novidades muitas vezes ia de encontro aos seus interesses. Hoje, o tradicionalismo (elemento antropológico) ainda teima em continuar disseminado em vários discursos, inclusive no científico. Neste, reveste-se de diversas formas, umas delas representada pelo insuspeito(?) reducionismo acadêmico, cujo mote principal é: “repetir, não criar”.

Analisando o exemplo prático citado no primeiro parágrafo (as *referências bibliográficas*), um dos componentes da atual metodologia onipresente no círculo acadêmico – pergunta-se: até que ponto um escrito, para ser considerado científico, *obrigatoriamente* deve fazer referência(s) a outro(s)?

Anarquista, indisciplinado, dissidente, iconoclasta, não-conformista, niilista, inúmeros são os epítetos atribuídos pelas instituições sociais àqueles que procuram ser originais em sua atuação. Ao expor e propor coisas novas ao legado da tradição, na maioria das vezes os arautos da vanguarda – os Copérnicos e Galileus de todas as épocas – deparam-se com as barreiras que naturalmente

vão se forjando em torno das jurisdições detentoras do poder, porque estas possuem um campo *próprio*⁴ de atuação, portanto, dependente de *estratégias* defensivas e de controle, semelhantes às aplicadas nos cuidados com a propriedade privada e do Estado.

A educação, integrante e reflexo do contexto sócio-econômico-cultural (o qual, apesar de toda verborragia, dá primazia à ortodoxia e à uniformidade), muitas vezes acaba por cercear a criatividade dos alunos ao tentar enquadrá-los *a qualquer custo* na metodologia adotada como científica e “oficial”. É claro que a linguagem científica deve possuir um forte conteúdo racional e estruturado (um texto científico não é um romance) e que as práticas didático-pedagógicas devem ter um núcleo normativo que oriente o processo de ensino e de aprendizagem, pois em qualquer campo de atuação é necessário um mínimo de ordenamento. Porém, por sua própria natureza burocrática, este núcleo tem a tendência de se cristalizar, engessando possíveis avanços; senão, de

⁴ Conceito defendido por Michel de Certeau (ver bibliografia).

onde viria o comentário (até que ponto apenas jocoso?) que afirma ser a escola uma formadora de papagaios em série?

A referência bibliográfica é um bom exemplo do que estamos tentando transmitir aqui. Ela usualmente é fonte de clareza e enriquecimento para as idéias transmitidas num escrito, principalmente os trabalhos de natureza estatística e sistemática, os quais são forjados *a partir* da coleta e classificação do que já foi dito a respeito de algum problema. Contudo, quando extrapola seu intento, a *referência* transforma-se em *reverência*, herança do *magister dixit* clerical.

Obrigatoriedade rima com originalidade apenas na pronúncia. Para que a cultura realmente se pluralize, as instituições de ensino e pesquisa de todos os níveis e segmentos deveriam rever a *imposição* da norma bibliográfica, passando esta a ser uma *proposição*. Devemos ampliar o espaço dado à criatividade dos alunos, facilitando a expressão de sua singularidade através da produção de ensaios mais “livres”, se quisermos alterar

o fato de a maioria dos trabalhos dos discentes serem na verdade um resumo das idéias combinadas de vários autores (uma espécie de plágio).

Para mostrar que não sou adversário das referências bibliográficas mas apenas contrário a qualquer tipo de exacerbação a esse respeito, lembro Emerson: *“(...) o mérito supremo que atribuímos a Moisés, Platão e Milton deve-se ao fato de eles haverem desprezado livros e tradições, e terem expressado não o que os homens, mas o que eles próprios pensavam”.*

“REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS”

CERTEAU, Michel de; **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer**; 351 p.; Petrópolis; Editora Vozes; 1994.

EMERSON, Ralph Waldo; **Ensaio**; 249 p.; Rio de Janeiro; Editora Imago; 1994.

COEXISTENCIALIDADE E COOPERATIVIDADE

Pode haver equilíbrio entre a vontade do indivíduo e as inúmeras solicitações da sociedade? Deve uma ter primazia sobre as outras? São questionamentos antigos ao redor dos quais foram elaboradas diversas – e, muitas vezes, conflitantes – teorias e práticas derivadas, formando, ao longo do tempo, um complexo mosaico de fórmulas com seus respectivos *modi vivendi*.

As livrarias, tanto as tradicionais quanto as virtuais, estão recheadas de obras de cunho sociológico resultantes das pesquisas, reflexões e convicções de centenas de pesquisadores-pensadores espalhados na geografia e no tempo. Da Platonópolis almejada por Plotino ao conflito de classes marxista, tanto já se falou e tanto há ainda para se falar sobre indivíduo e sociedade, que confesso sentir um certo – e talvez natural – conflito interno: concomitante ao sentimento de ser um anão perto de um Weber ou um Simmel, sei que intrinsecamente não sou tão diferente deles; portanto, também posso e devo

transmitir minha visão sociológica, por mais modesta que seja. Afinal, se todos temos acesso ao lugar de onde surgiram as idéias e práticas do anarquismo, do capitalismo, do contratualismo, do socialismo e demais "ismos", podemos oferecer nossa própria perspectiva dos fatos, sem medo de eventualmente repetir ou comentar de forma prosaica aquilo que outros já expuseram com brilhantismo, porque determinadas leis e conceitos universais são imutáveis, mas revestem-se de novidade conforme a capacidade do emitente em transmiti-los.

Em primeiro lugar, é útil eleger um parâmetro em nossa análise da tipologia social, para evitar cair no erro grosseiro da dicotomia ou maniqueísmo, pois deve ficar bem claro que o que ocorre, em qualquer classificação sociológica, é uma variação *gradativa* entre dois limites: há quem diga que um quadro estatístico não deve ser branco ou preto, mas cinza...

Vejamos. Num extremo estão os indivíduos com perfil coexistencialista e, no outro, o grupo formado pelos cooperativistas. O que esses grupos representam? Em que

instâncias da sociedade se manifestam, quais as ideologias e/ou escolas filosóficas que os sustentam e quais são seus valores?

Têm ênfase coexistencial os profissionais liberais, artistas, escritores, *free lances*, artesãos, pesquisadores independentes, pequenos agricultores, comerciantes e prestadores de serviços. Já a cooperatividade verifica-se nas instituições, governo, médias e grandes empresas, no chamado Terceiro Setor, enfim, em qualquer local onde um conjunto de pessoas *cooperam* alguma coisa, concreta ou abstrata.

Possuem caráter coexistencial as seguintes ideologias e escolas filosóficas: Existencialismo, Taoísmo, Romantismo, Transcendentalismo (Emerson), Perspectivismo, Protestantismo, Anarquismo e Capitalismo. Têm perfil cooperativista o Marxismo, Idealismo (Hegel), Personalismo (Mounier), Confucionismo, Catolicismo, Comunismo, Cooperativismo e o Socialismo.

À coexistencialidade podemos atribuir os valores *yang*: individualismo, autoconfiança, heterogeneidade

e o *laissez-faire*. À cooperatividade, associamos os elementos *yin*: coletivismo, heteroconfiança, homogeneidade e o controle.

Na coexistencialidade encontra-se um profundo problema individual e, por ressonância, social. A pessoa, na maioria das vezes, não se permite observar as coisas *também* sob a ótica do outro, ficando presa à pequenez de sua parcialidade. Entretanto, se tomarmos isso como algo absoluto (ver as coisas sob a ótica alheia), o conceito de individualidade se esvai, porque a pessoa – se tem pretensão de um dia constituir-se numa singularidade autêntica - deve possuir um *self* que a diferencie das demais, portanto um *self* parcial...

Outro impasse intrínseco à coexistencialidade é a sua propensão à misantropia, à falta de solidariedade, fazendo com que os indivíduos se auto-enclausurem em suas torres de marfim. Isso se dá porque muitas vezes esquecemos este fato simples: ao mesmo tempo que somos indivíduos singulares, com todos os

direitos subjacentes, também somos componentes da humanidade, com todos os *deveres* implicados.

A cooperatividade, por sua vez, apresenta dilemas talvez até mais explícitos. Basta observar que o tipo de relação entre as pessoas normalmente se dá através da confrontação, da subordinação e da cooperação. Seguindo estes tipos seqüencialmente, veremos que o confronto gera subordinação. Com o tempo, o remorso (por parte dos dominantes) e/ou o ressentimento (por parte dos dominados) fazem surgir o mito da igualdade (constitui-se num mito porque nossa *essência* e atributos são iguais, mas nossa *existência* e o conseqüente desenvolvimento dos atributos nunca são os mesmos). Daí aos sistemas cooperativistas é um passo (Socialismo, Comunismo, Cooperativismo).

Muitos consideram a cooperatividade uma panacéia, mas outros a vêem apenas como um paliativo, porque, baseando-se no mito da igualdade, acaba produzindo o confronto, o qual, por sua vez, gera subordinação

(camuflada de variadas formas: assistencialismo, ignorância, medo), formando um círculo vicioso.

Outro problema relativo à cooperatividade é o trinômio convivência-conveniência-conivência. A *convivência*, quando muito próxima e freqüente, muitas vezes sustenta-se na *conveniência* (todos abdicam de parte de sua liberdade para, através do gregarismo exacerbado, garantir a satisfação de suas necessidades básicas ou sutis). E, para perpetuar o esquema, a *conivência* com os problemas que surgem tende a crescer, sendo tratados apenas superficialmente.

Mas uma grande ligação entre a Psicologia Individual e a Sociologia é verificada nos problemas de ajustamento dos indivíduos, primeiro em suas respectivas carreiras profissionais e, depois, na forma escolhida de trabalho (coexistencial ou cooperativo). Quanto ao primeiro item, nota-se que grande parte das pessoas não se sentem realizadas em suas profissões, por não estarem trabalhando naquilo que gostariam; vê-se o comerciante que gostaria de trabalhar com mecânica de veículos,

entretanto continua com seu bazar; ou o engenheiro que, no fundo, queria ser músico, embora insista em construir prédios; exemplos não faltam. Mesmo entre aqueles que encontram satisfação no que fazem, muitos têm problemas em relação à *forma* como trabalham. Assim, o escritor com tendência coexistencialista pode se ver obrigado a continuar prestando serviços a uma grande empresa jornalística; ou o *free lance*, que gostaria de ter um emprego e desfrutar do convívio permanente com certos colegas de trabalho, vive “pulando de galho em galho”. Ser sincero e coerente consigo mesmo é pré-requisito para uma auto e heteroconvivência sadia.

Aqui vemos que o meio cultural influi significativamente nas escolhas do indivíduo, mas é este, em última instância, quem decide sobre o próprio destino; o eterno *ser ou não ser* shakespeariano tem menos a ver com a coletividade do que com a pessoa que a integra. Os grandes conflitos sociais são, em grande parte, reflexo ou somatório dos conflitos íntimos de cada um de nós.

Colocar a culpa pelas dificuldades apenas naquilo que é exterior (governo, economia, família etc.) é o meio mais fácil e rápido para a perpetuação do auto-engano.

Numa análise mais acurada, podemos perceber claramente que a coexistencialidade e a cooperatividade são contíguas, mudando apenas a ênfase que cada uma recebe. Vemos exemplos disso nas instituições em geral, que se baseiam na cooperatividade, mas seus departamentos coexistem; e nos profissionais liberais, que parecem coexistir dispersos, mas formam um grupo cooperativo com o todo social.

Temos, em síntese, que na maioria das culturas ocorre uma bifurcação de enfoque da realidade, uma no sentido coexistencial e outra no sentido cooperativista, sendo estas as grandes modeladoras do modo de agir social. E o que faz um indivíduo ser mais propenso a uma do que à outra? Temperamento, genética, diferenciação, cultura, reminiscência (Platão), experiências, são fatores que contribuem na afinidade com um destes dois modos. Esta afinidade, contudo, pode mudar com o tempo

e é bom que isso aconteça, pois assim o indivíduo, *ao ver o outro lado da moeda*, acaba ampliando sua visão da realidade.

SOBRE A DIFERENÇA

A natureza humana apresenta, muitas vezes, atitudes difíceis de entender. Como explicar, por exemplo, o fato de tanto o judeu na sinagoga quanto o árabe na mesquita pregarem o amor universal, mas fora de seus sagrados oráculos praticarem a guerra? Por que, na Irlanda do Norte, católicos e protestantes insistem em permitir que a intolerância e o ódio dominem seus corações, deixando obscurecer seu campo mental?

Existem vários significados para a palavra diferença. Entre eles, estão os termos alteração, diversidade e transtorno. Note-se que o último virou sinônimo de diferença apenas devido à inabilidade das pessoas em lidar com o diferente, em aceitar as mudanças que naturalmente ocorrem na sociedade e na cultura. O que agora é aceito como normal e justo, depois de um tempo pode não o ser, dependendo disso das injunções e pessoas envolvidas; se não fosse assim, poderíamos estar vivendo ainda hoje sob

a égide da era vitoriana, por exemplo, com o seu puritanismo, o que seria um desastre.

Cada indivíduo desenvolve-se diferentemente dos demais, inclusive no aspecto financeiro, mas as *condições* e as *oportunidades* para que tal desenvolvimento se efetive deveriam ser, pelo menos, semelhantes. Isto soa utópico e, neste ínterim, talvez Hobbes tenha um pouco de razão ao afirmar que o homem é o lobo do homem.

Entre os homens tem-se como padrão combater o diferente e, como exceção, aceitá-lo. A Psicologia nos diz que a agressividade é um dos fatores constituintes do ser humano e que este extravasa seus instintos através dela. Quando olhamos para a clave do longínquo hominídeo, aceitamos com naturalidade que o nosso ancestral andasse armado e achamos que isso faz parte do nosso passado, o qual já “superamos” ou que “evoluímos”. Vã ilusão. Por quê? Porque estamos em pleno Século XXI, 300 anos após o chamado “período das luzes”, e continuamos a não controlar nosso subcérebro reptiliano, haja vista as guerras de todos os tipos – individuais,

familiares, comerciais, internacionais, ideológicas etc. – que continuam a acontecer. *O Cro-Magnon dentro de nós está tão atuante quanto no mundo primevo.*

Uma das principais causas da agressividade é o medo originado daquilo que possa abalar nossa estrutura física (um cão raivoso, por exemplo) ou *psíquica* (isto é, fatos ou idéias que confrontem nossa visão de mundo). Quanto ao primeiro medo, é aceitável, pois pertence ao instinto de autopreservação. Mas quanto ao segundo, somente às almas imaturas é permitido tal sentimento, porque ainda não estão esclarecidas ou não aceitam o fato de que os lugares, as pessoas, os tempos, as idéias e as vivências serem *diferentes*. A existência, em seu conjunto, é uma só (Unidade); contudo, todos os entes que nela *vivem* se expressam de forma singular (Diversidade). É infantil, para não dizer outra coisa, pretender que nossos colegas de destino vivam de acordo com as *nossas* convicções e não com as deles mesmos.

A intolerância religiosa é um perfeito espelho do nível de ignorância ainda presente na humanidade e de seu

despreparo ecumênico. Devemos permitir que as diferenças *coexistam* e não tentar exterminá-las. Hoje temos Jesus e nasce o cristianismo; amanhã, surge Maomé e o islamismo; mais alguns séculos e os seguidores de ambos esquecem as palavras de seus mestres e põem-se a se digladiar.

Não precisamos ficar inseguros diante daquilo que é diferente, estigmatizando-o, mas antes de mais nada fazer o exercício de aceitá-lo⁵ e com ele coexistir. Segundo o ditado, um jardim fica mais bonito e rico quanto mais flores diferentes nele houver. A vida tende para a pluralidade, para a diversidade. Por que, então, essa mania de tudo uniformizar? Caros amigos, um dos nossos lemas na vida deve ser: *vive la différence!*

⁵ Aceitá-lo dentro de limites, é claro: se meu vizinho tem como prática habitual roubar e eu não, jamais *aceitarei* essa condição só porque ele é *diferente* de mim.

O EDUCAR

Intrincados problemas matemáticos se tornam simples quando se descobre a abordagem correta para resolvê-los. Quanto mais ampla a análise de uma situação, obviamente as chances de entendê-la serão maiores. Aqui se inclui o estudo de alguns aspectos da problemática educacional.

Por que pessoas da mesma classe social, da mesma família (inclusive os gêmeos) apresentam rendimento escolar tão diferentes? Por que Maria é brilhante e sua irmã não? Se as explicações culturais e genéticas pautadas no paradigma cartesiano-fisicalista não são capazes de satisfazer completamente essa questão, devemos expandir o alcance de nossas pesquisas, deixando o apriorismo para trás.

Os resultados apresentados por nossos sistemas de ensino são considerados insatisfatórios pela maioria dos *experts* em educação. Vemos que esse descontentamento generalizado se dá, sobretudo, devido ao enfoque

puramente materialista operante há três séculos na cultura Ocidental, o qual considera que a existência da consciência humana é diretamente proporcional apenas ao tempo de funcionamento do corpo físico. Pensando dessa maneira, é natural que o estudioso - por continuamente esbarrar em problemas que fogem à sua compreensão - fique angustiado à procura de algum procedimento que possa solucionar profundamente os problemas educacionais e, por ressonância, os sociais.

O ser humano, de acordo com o paradigma consciencial⁶, antes de pertencer a uma dada cultura, é uma singularidade da natureza, sujeita a um processo evolutivo pluriexistencial. Nele, o indivíduo contrasta suas vivências e percepções com as dos semelhantes, enriquecendo e aprofundando o autoconhecimento.

⁶ Paradigma, formulado por Vieira, que tem como um dos seus pressupostos a *pluriexistencialidade*, que é a condição das várias existências físicas nas quais a consciência experimenta os mais diversos ambientes culturais e condições sociais, necessários para sua evolução. Sinônimo: reencarnação. Ver: Vieira, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; IIPC; 1994.

A partir dessa premissa, *a qual para muitos é fato e não crença*, podemos refletir sobre o papel da educação, verificando suas limitações intrínsecas, as quais inviabilizam qualquer projeto didático-pedagógico que procure solucionar *definitivamente* problemas que estão fora do escopo do ensino oferecido dentro ou fora das escolas.

Abandonando o ideal do Renascimento que buscava uma formação humanista e multidisciplinar, o Ocidente adotou o paradigma reducionista e fragmentou o conhecimento em inúmeras “especialidades”. Tal fato, junto com o advento do Capitalismo e sua busca alucinada por lucro e acumulação de dinheiro, subjugando toda a existência ao seu aspecto puramente mercantil, propiciou o surgimento do atual *Homo economicus "alienadus"*, ou seja, aquele sujeito portador de conhecimentos técnicos específicos (de Engenharia Genética ou Mecatrônica ou Direito Internacional ou Psicologia de Marketing ou ...) que, por não ter maiores questionamentos existenciais, se realiza com uma condição de semi-cultura, com

o consumismo, com a busca pelo *status*, tornando-se presa fácil dos manipuladores de plantão, sendo assim absorvido pela Indústria Cultural, tão bem descrita pela Escola de Frankfurt.

Na verdade, este perfil é o ponto médio de dois extremos, cada qual com suas características. Numa ponta está a elite, com seu egoísmo doentio e descarada vocação para a exploração; na outra, a massa assalariada, com seu natural ressentimento e sonhos de melhores condições de vida. Diante desse quadro, perguntamos: qual o sistema pedagógico que resolveria *por completo* este misto de alienação, egoísmo e ressentimento? Comênio, Rousseau, Herbart, Dewey, Piaget e Dilthey elaboraram louváveis sistemas que estimulam o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, contribuindo para que ele ou se ajuste à sociedade ou procure transformá-la. Ou ambas as coisas. Mas é certo que, por mais perfeito que seja um sistema educacional, ele por si só não garante a consecução dos seus objetivos, devido à complexidade da matéria-prima com que trabalha: a natureza humana. O professor pode

e deve aplicar os mais variados métodos para que os alunos assimilem habilidades e conhecimentos, mas não há nenhum que consiga realizar plenamente sua função se seus ensinamentos não fizerem eco na mente do aluno, se, sempre que aquele procura ensinar Ciências, este apenas pensa no presente de aniversário, no jogo de futebol ou – dependendo da idade e do tipo de brinquedo correspondente – nas oscilações da Bolsa de Valores.

Aqui está o ponto crucial. O aluno, por ainda ser uma consciência imatura, acaba quase sempre apresentando as características da classe social na qual está circunstancialmente inserido, até que, no transcurso de sua existência enquanto ser multimilenar, ocorra, gradativamente, uma "virada", um *turning point* em sua conduta, passando ele a questionar de forma crescente a vida e o papel que deve desempenhar diante dela. Assim, a busca pelo autoconhecimento faz aparecer, *de forma verdadeira*, os tão almejados quesitos do autodidatismo, da capacidade de abstração e raciocínio lógico, da independência intelectual, da solidariedade, da ética, da

busca pela transcendência, enfim, daquilo que diferencia os alunos "exemplares" daqueles nem tanto. Dessa forma, surgem também as condições indispensáveis para que sejam superados, conforme a situação social, o egoísmo (elite), a alienação (*Homo economicus*) ou o ressentimento (massa assalariada).

Estas considerações ficariam incompletas se não apresentássemos algumas sugestões de melhoria da dinâmica educativa na nossa cultura ocidental, pois não devemos nos ater apenas às facetas "não-positivas" de alguma problemática. Vejamos:

- A sociedade de consumo exerce uma pressão imensa no professor, jogando em suas costas a responsabilidade quase total pela educação das crianças, sendo que esta tarefa deve ser prioridade dos pais, os quais deveriam considerar o professor tal qual um *auxiliar* no processo educativo global. Os pais possuem filhos-alunos; os professores, apenas alunos. O professor instrui através do ensino de habilidades

e conhecimentos acumulados pela humanidade, geralmente para um contingente não inferior a 30 alunos; assim, fica incapacitado para personalizar o ensino de acordo com as singularidades de aprendizagem de cada criança. Já os pais, *se estiverem dispostos*, podem propiciar aos filhos a atenção que precisam, educando-os nos pontos fundamentais da cidadania (ética, solidariedade, senso crítico, consciência ecológica e política, aprofundamento cultural, entre outros).

- A cultura ocidental é, historicamente, muito dependente da noção de causa e efeito, negligenciando, portanto, o aspecto espontâneo da vida. Isso, no âmbito pedagógico, reflete-se na excessiva preocupação com aquilo que pode ser sistematizado e explicado com base na racionalidade, ou seja, no caráter *intencional* da educação. Deveríamos contrabalançar este procedimento, estimulando os alunos de *todas as idades* a prestarem mais atenção nas situações de aprendizagem *não-*

intencionais com que o dia-a-dia nos presenteia. Muitas vezes uma paisagem, um belo sorriso, uma conversa inesperada falam mais a nós do que a leitura de textos pesados ou o domínio de fórmulas complicadas.

- É ponto pacífico haver lacunas na escolha das matérias de ensino. Filosofia, Ecologia, Saúde, Política, Artes, Relações Humanas, enfim, o desenvolvimento do cidadão cultural é preterido em favor da formação em série de autômatos técnicos ávidos pelo vendaval de superficialidades que a "cultura jornalística" – duramente criticada por Nietzsche – apresenta.

Diante do exposto, não devemos exigir da Pedagogia e da Didática aquilo que elas, *por si só*, não são capazes de realizar. Isso, obviamente, não deve justificar a paralisação do aperfeiçoamento das formas de ensino. Apenas pontuamos que talvez seja perda de tempo tentar desenvolver, com sofreguidão, uma "fórmula milagrosa" para resolver todos os problemas didático-pedagógicos,

porque estes são diretamente proporcionais ao nível evolutivo dos professores e alunos. Em matéria de maturidade consciencial, nada pode ser determinado com precisão, nem os resultados do processo educativo.

DESAFIO CULTURAL

É um fato o dilema contemporâneo dos cidadãos e da sociedade em definir seu arquétipo cultural, se mais orientado para a proposta clássico-iluminista aristocrática (*humanitas*; enciclopedismo) ou para as imposições da especialização capitalista-burguesa democrática (tecnicismo; utilitarismo), sendo notável o impasse com que muitas vezes nos defrontamos quanto à nossa atuação no mundo *pós-moderno*: como conciliar a vontade e a necessidade particular de expansão cultural com as exigências públicas cada vez maiores da especialização técnica? Pretendo ser somente uma peça eficaz da engrenagem (especialista) ou um estudioso "desligado" desta (generalista)? Um exemplo notório desta problemática: hoje, *PhD (Philosophy Doctor)* é sinônimo de especialismo e não mais de generalismo.

Tanto o especialismo "míope" quanto o generalismo "teoricão" são limitados. Para integrá-los produtivamente, o indivíduo - alicerçado no autodidatismo - deve começar a abrir o leque de suas vivências e pesquisas, buscando,

a partir de sua área de interesse e atuação, ampliar o inter-relacionamento com as demais áreas do conhecimento.

O ideal clássico-iluminista da *paidéia*, que seria a formação multidisciplinar do homem (*tese horizontal*), e a *práxis* burguesa-capitalista, que foi e é a fragmentação do conhecimento e a conseqüente necessidade da formação de especialistas (*antítese vertical*), culminam hoje num desafio para o indivíduo inserido na pós-modernidade: ser um elemento atuante na sociedade sem ser *reduzido* pelos reducionismos da mesma (buscar uma *síntese diagonal* e não um *escapismo tangencial*).

Croce diagnosticou com perfeição a situação em que nos encontramos. Segundo ele, atualmente os indivíduos estão limitados a um conjunto restrito de fatos ou perdidos no meio de inúmeros fatos. Em relação a esta última constatação, isso é assim porque muitas vezes a pessoa culta acumula variados tipos de conhecimentos, porém desconexos entre si. Não havendo um fio condutor que possibilite uma aplicação social vigorosa e produtiva

do seu saber, a pessoa deixa de transcender seu círculo íntimo de abstrações e de acrescentar um ganho público *ativo* à sua vida *contemplativa*. Assim, muitos indivíduos cultos rejeitam o fato de que o equilíbrio entre *coexistência* e *cooperação* é um sinal de cultura.

Quanto ao especialismo, eis suas principais deficiências intrínsecas:

1. Tendência ao paroquialismo existencial, isto é, a ficar bitolado em uma esfera particular de atuação. Isso acarreta tanto distúrbios pessoais (neuroses) quanto sociais (pobreza de comunicação), porque o indivíduo, não conseguindo lidar com aquilo que é diferente (conhecimentos, objetos, pessoas, situações), acaba se perturbando e se igualando à maioria dos religiosos, ideólogos e cientistas, os quais apresentam acentuado bairrismo, grande intolerância e um complexo de superioridade que apenas denota sua inferioridade.
2. Quanto mais se aprofunda em sua especialidade, mais o perito necessita comunicar seus achados para os

outros campos de atuação, ou seja, se vê obrigado a interagir com o restante da sociedade, a sair de sua Gaiola de Ouro, a dialogar com outros discursos (científico, político, religioso etc.). Isso implica na contradição verificada por Michel de Certeau⁷: no limite, o perito tem que refrear seu desenvolvimento na especialidade para poder transmiti-la aos não peritos, isto é, culturalizá-la, transformando-se em uma *autoridade* específica dentro de um contexto sócio-político que, bem ou mal, a manipula.

É justamente esse teor manipulativo o que mais se constata quando analisamos com maior acuidade o *modus operandi* social. As elites (econômica, científica, religiosa etc.), instintivamente, para garantir sua sobrevivência, modulam a estrutura da sociedade conforme seus interesses particulares, e para que estes interesses sejam concretizados, é mister que a massa não consiga uma

⁷ Certeau, Michel de; *A Invenção do Cotidiano*; Vozes; 1994.

expansão considerável de sua cultura. Existem alguns mecanismos reguladores para que, no máximo, os cidadãos consigam um estado de semicultura: o que mais salta aos olhos é a mídia, que entope a todos com uma vastidão de informações superficiais, as quais, numa escala de 0 a 100, não alcançam mais do que alguns pontos na explicação das causas e conseqüências reais dos fatos veiculados. Assim, a *cultura da cultura inútil* torna-se onipresente: o vidiotismo, o radiotismo, o bibliotismo, o internetiotismo, são exemplos do idiotismo em sua forma contemporânea, de "vanguarda".

Então, como aliar estes dois imperativos (cultura e especialidade) sem cair em suas armadilhas internas?

Primeiro, tentando seguir o atual consenso quanto ao que é possuir uma cultura geral, segundo Abbagnano⁸:

1. Aceitar as coisas novas, porém, verificando se elas realmente são melhores do que as que já se têm;

⁸ Abbagnano, Nicola; *Dicionário de Filosofia*; Martins Fontes; 2000

2. Estar aberto ao mundo, interagindo com o maior número possível de idéias e crenças, sem ter que necessariamente acatá-las, isto é, já que o agir é quase sempre considerado como ideológico, que seja então um agir pautado muito mais numa ideologia própria do que numa externa;

3. Usar plenamente a capacidade de abstração, confrontando a própria visão de mundo com as demais, exercendo com lucidez o poder de escolha. Em suma, ter uma conduta de vida perene, unindo passado (memória histórica), presente (ciência experimental) e futuro (abstração filosófica).

Segundo, aceitando o fato de que, para funcionar no mundo contemporâneo, é preciso encarar de frente a necessidade do "onde me encaixo", isto é, desenvolver uma especialidade, de preferência na área onde se tem mais interesse, mais motivação, que é o combustível básico para qualquer ação produtiva. Concomitantemente,

ir correlacionando os pontos de interseção com as demais áreas, visando o maior intercâmbio possível (complementação). Ainda em paralelo, verificar também os pontos discordantes, fortalecendo-se na apreensão das ambigüidades e paradoxos inerentes ao mundo, e assim conseguir desenvolver outras especialidades, jamais se esquecendo das duas principais: viver e amar.

TEORIA E PRÁTICA

O símbolo taoísta que representa os opostos (*yin* e *yang*) se encaixa muito bem na ilustração dos pólos pelos quais a vida se expressa: teoria e prática. Não se sustenta a convicção nem dos defensores da teoria ("teoricões" idealistas) nem dos da prática ("praticões" utilitaristas), porque, ao fragmentar o real em apenas um dos seus aspectos, ambos se equivocam, iludindo a si mesmos e, o que é pior, aos outros.

O debate sobre teoria e prática é controverso e há muito permeia nossa cultura, a qual ora entroniza uma, ora a outra. Tomara que cada vez mais o mundo atual supere a dicotomia entre as duas e passe a ser verdadeiramente teórico-prático, muito mais do que apenas globalizado.

Para melhor compreender a problemática teórico-prática, é melhor decompô-la. Historicamente falando, já na Antigüidade ocorreu a primeira cisão: de um lado, o *ideal* aristotélico-neoplatônico da vida contemplativa, que apenas o "sábio" poderia realizar; de outro,

a depreciação das atividades práticas, consideradas vulgares, banais (*banausia*). Como o alicerce do mundo antigo era a escravidão escancarada, não é de estranhar essa diferenciação entre a classe dos filósofos-teóricos e a dos *banausos*-práticos (afinal, para que se preocupar em construir, contabilizar, lutar e plantar se há quem faça isso para nós?).

Essa concepção, literalmente, "reinou" até o Renascimento, quando muitas vezes (Campanella, Thomas More, entre outros) passaram a valorizar o trabalho manual. Mas quem realmente execrou os nobres-burgueses-teóricos foi Marx, ao condenar a divisão da sociedade em classes (o que perpetua a escravidão, que apenas se torna mais sutil: o proletariado) e criticar veementemente a via única da *interpretação* que a filosofia tinha tomado até então. Paradoxalmente – ou, na linguagem marxista, *dialeticamente* – a *teoria* representativa de Marx (O Manifesto Comunista; O Capital) exortava o seu complemento, isto é, a *prática* revolucionária (URSS, China e Cuba são as provas).

A separação que se faz entre teoria e prática deveria ser apenas *teórica*, ou seja, é mais *prático* diferencia-las para fins elucidativos, o que não quer dizer que ambas estejam realmente distantes uma da outra. Assim, a própria Filosofia (outrora chamada a "rainha das ciências") é dividida em:

1. TEÓRICA

Ontologia (o *Ser*); Metafísica (os princípios); Teodicéia (o divino); Cosmologia (o cosmos); Psicologia (o homem).

2. PRÁTICA

Lógica (a matemática, a física); Ética (a moral, a política); Estética (o belo, a arte).

Não faltam exemplos da imbricação teórico-prática (uma é o "alter ego" da outra): da macieira no quintal de Newton (prática) vieram as leis da física clássica (teoria); das hipóteses de Einstein (teoria) surgiu a bomba atômica

(prática); aos experimentos de Watson (prática) seguiu-se o Behaviorismo (teoria); das elucubrações de Freud (teoria) nasceu a terapia psicanalítica (prática).

Os mais esclarecidos – e esperamos que atualmente sua quantidade tenha aumentado exponencialmente – não distinguem a teoria da prática, diferente da maioria dos "filósofos, cientistas e afins" que (pelo menos subjetivamente) sempre se consideraram acima dos outros, fazendo jus ao seu tão conhecido complexo de superioridade.

Vejamos: quando escolho ser um filósofo ou um cientista, na verdade estou delimitando de forma prática meu *campo* de atuação principal, o qual jamais irá abarcar em profundidade todos os possíveis outros campos (artístico, agrícola, comercial, político, ou seja lá o que for). Quem tem o direito de decidir qual é a atividade mais importante ou "avançada"? A obra para o artista, a colheita para o agricultor, a venda para o comerciante, as eleições para o político, são tão importantes para eles quanto as descobertas para o cientista ou os *insights* para o filósofo.

A banausia, infeliz e estupidamente, insiste em se perpetuar.

O existencialismo deu o golpe derradeiro na cisão entre teoria e prática ao considerar a cognição como um atributo-chave da consciência inserida no mundo, ou seja, independente de ser considerada "contemplativa" ou "prática" a vida é, antes de tudo, cognitiva. O conhecimento implica em instrumentalização, que implica em conhecimento, que implica em instrumentalização, que implica... *Posso escrever um poema auxiliado por técnicas; ao mesmo tempo, posso exercer de forma poética algum trabalho técnico.*

De uma perspectiva sócio-econômica, podemos dizer que o mundo contemporâneo, ao pragmatizar demais as coisas, tem *alienado* o trabalho, transformando a pessoa em um objeto, em uma peça, em um "negócio" (existindo, pasmem, uma revista chamada *Você S.A.*, além, é claro, de inúmeras "condutas de vida" para os mais variados gostos).

O homem é um ser ontocriativo, ele cria sua realidade teórico-prática. Este é o seu *trabalho* - o qual não é apenas um meio de se conseguir as coisas, mas um fim em si mesmo -, ou seja, a tarefa de construir o real.

Completando, afirmamos que a teoria (o pensamento) não se realiza sem a prática (a extensão), e que a prática (o mundo) não é nada sem a teoria (a consciência). Nas palavras perenes de Giordano Bruno: "*Que o homem se ocupe na ação das mãos e na contemplação do intelecto, de tal maneira que não contemple sem ação e não atue sem contemplação*".

CRÍTICA DA LÓGICA SENHORIAL

Por que existe a guerra, a fome, a sede de poder, a exploração do homem pelo homem, a corrupção, enfim, o “mal” sobre a Terra? Esta pergunta percorre as eras e sua resposta é tão multifacetada quanto as pessoas e culturas que a formularam. Talvez não seja possível dar uma resposta precisa, mas podemos e devemos explorar suas mais prováveis causas.

Uma das razões básicas dos desequilíbrios sócio-econômicos atuais é sem dúvida a elevação da lógica ao posto de comando de nossas ações, onde ela deixa de ser um *instrumento* e passa a ser um fim em si.

Ser lógico, principalmente depois de Bacon e Descartes, está na moda. É uma das molas propulsoras da contemporaneidade. Tudo que possui algum viés “ilógico” (religião, arte, ontologia) logo é descartado, considerado inferior. A implicação mais direta disso é o definhamento da ética, dando espaço cada vez maior ao surgimento de um George Soros e sua “lógica” do

acúmulo de capital ou até mesmo de um Hitler e sua perversa “lógica” da limpeza étnica.

Não é de hoje que se levantam vozes contra essa tendência – ou melhor, *mania* – do mundo dito avançado de em tudo “logicar”. Pascal e sua *razão do coração* foi um iniciador; as antinomias kantianas deram um duro golpe na pretensa onipotência da razão; Schopenhauer e Nietzsche, com suas *vontades* de viver e de potência, seguiram na mesma trilha, a qual atingiu o ápice na Dialética do Iluminismo dos frankfurtianos Adorno e Horkheimer.

Contudo, o império da lógica segue firme e forte, apesar da violência, da injustiça social, da devastação ecológica (sic), da fome e outros tormentos, que são hoje uma realidade mais cruel, mais extensa e profunda do que em épocas passadas. Por quê? Ora, porque a lógica é uma construção humana que busca abarcar o real com a intenção torpe de dominá-lo, colocando-o sob o jugo dos desejos deste ser na maior parte do tempo ignorante e medroso, *o homem*, capaz de inverter a ordem das coisas

ao entronizar a lógica em detrimento das outras facetas da realidade.

Ignorante porque, ao invés de apenas fortalecê-la, elegeu a lógica o novo *centro de gravidade* do real em substituição aos valores éticos. Medroso porque, ao tentar agir *somente* pautado naquilo que considera “lógico e racional”, o homem procura mecanizar o meio circundante (inclusive os semelhantes), achando que assim poderá controlá-los de forma absoluta, antecipando-se à vida, o que apenas revela um profundo temor de *doar-se* à vida. A lógica está contida na existência e não o contrário.

Não se trata de repudiar as conquistas que o conhecimento e a aplicação dos processos lógicos nos têm apresentado. Viva Aristóteles, Russel, Whitehead, Wittgenstein e seus epígonos de Viena! Viva a álgebra de antontem, as equações diferenciais de ontem e o J2EE⁹ de hoje! Imaginar um mundo sem aviões e computadores é diminuí-lo. Não podemos esquecer também as

⁹ *Java 2 Enterprise Edition*, linguagem de programação muito utilizada atualmente.

contribuições da lógica no entendimento da linguagem e do pensamento.

Mas o próprio pensamento, como frisou Spinoza, compõe, com a extensão, o par de *modus* da existência que nós – pelo menos a imensa maioria e até o momento - conseguimos perceber, podendo haver um número infinito de apreensão do Ser (*modi*). Portanto, mesmo que desvendássemos todos os *porquês* do pensamento-linguagem e da extensão, ainda assim estaríamos limitados a estas esferas do real. E quanto às outras?

Interessante que mesmo na matemática, uma área do conhecimento estritamente lógica, existem elementos que fogem à regra, os chamados números irracionais (π , e , ...) – considerados pelos pitagóricos um “escândalo” – e o explícito subterfúgio do imaginário $\sqrt{-1}$. Daí se chega ao conceito do *irracionalismo gnosiológico*, segundo o qual nem tudo o que é ou deveria ser lógico pode ser completamente entendido. Paralelo a este, temos o *irracionalismo ontológico* a conceituar que, em última instância, o cerne da realidade é supra-racional, cabendo

à lógica um papel secundário, instrumental. Segundo Hegel, é racional a existência do irracional.

O Iluminismo quis trazer a luz pelo caminho da lógica, pretendendo eliminar a angústia do homem e resolver seus problemas sócio-econômicos, mas não foi bem isso o que aconteceu, como se vê diante da caótica situação mundial em vários setores. É preciso ter uma visão dialética das coisas, considerando seus aspectos racionais quanto os nem tanto. Sentimento, intuição, valores e vontade são elementos *transracionais* inerentes ao ser humano. Não há como abafá-los sem pagar o preço da exacerbação da náusea existencial.

Um dos objetivos da lógica é dessacralizar as coisas, mas ao banir o sagrado de nossas vidas, estaremos fechando a porta para Aquilo que nos transcende.

HISTÓRIAS DE FILÓSOFOS

Cada dia com suas pequenas histórias, as quais, somadas, perfazem a grande história de nossas vidas. Do prosaico cotidiano até os acontecimentos mais significativos – o primeiro beijo, a formatura, o casamento, as conquistas materiais e espirituais – estamos todos construindo a história do mundo. Os grandes filósofos se distinguem nesse cenário por conseguirem colocar no papel suas histórias de forma profunda e assim colaborar mais enfaticamente na descrição do real.

Isso posto, os responsáveis pela história da filosofia deveriam desenvolver enfoques diferentes do usual, que é a tendência de classificar os pensadores dentro de escolas e períodos, deixando em segundo plano o aprofundamento no resultado do seu trabalho. Uma forma didática de tratar a Filosofia que, infelizmente, não privilegia seus principais atores, os filósofos.

Na análise da história da Filosofia não podemos nos prender muito a esquemas técnicos superficiais e genéricos, mas antes às histórias daqueles que dão vida e colorido ao grande teatro do intelecto humano, se quisermos realmente focar seu conteúdo e não sua forma. Plotino, quando algum pintor desejava retratá-lo, afirmava: *Qual a razão de construir uma imagem de uma imagem?*

Temos que reconhecer que os historiadores da Filosofia têm uma tarefa não muito fácil de ser realizada. Como discorrer sobre toda a produção intelectual, desde os pré-socráticos, sem cair na generalização e na superficialidade? Como falar do "mundo das idéias" sem se aprofundar em Platão? Ou da fenomenologia e não se debruçar sobre Husserl? As mentes, principalmente as de grande envergadura, não são, de modo algum, de fácil resumo.

É compreensível que, para tentar repassar à grande massa a produção dos pensadores sem exigir dela grandes esforços, foi elaborado um esquema didático jornalístico,

isto é, sintético e geral. Entretanto, para atrair os propensos ao exercício das reflexões filosóficas, faz-se necessário contar bem mais do que as "idéias básicas" dos filósofos (reducionismo) e rever o mecanismo de "ajuntamento" deles em um determinado período ou "corrente" (generalização).

É preciso, ao estudá-los, redescobrir suas descobertas, repropóitar suas proposições ou, por que não, questionar seus questionamentos principais, secundários, terciários etc. E isso só é possível quando nos tornamos "íntimos" de cada filósofo, um a um, com paciência – virtude muito apreciada na Filosofia –, que é trabalho para uma vida inteira, mesmo elegendo apenas uns poucos para nos "aproximar".

Antes de ser um produto do seu tempo, um pensador é um indivíduo com características próprias que procura, à sua maneira, refletir sobre questões consideradas atemporais. Quanto mais refinada uma estirpe, mais heterogênea ela é. Portanto, é retrógrado tentar compactar os filósofos em escolas e períodos.

Devemos buscar em cada um o que há de *sui generis* em seu pensamento, aquilo que o distingue dos demais.

As grandes questões que a Filosofia nos apresenta têm a incrível capacidade de permanecerem sempre atuais, pois não admitem respostas fáceis (estão longe, muito longe das ideologias existentes) e mesmo aqueles privilegiados que conseguem a façanha de equacioná-las – ainda que parcialmente – se deparam com a impossibilidade de transmiti-las com perfeição. Cabe então ao filósofo a missão de tentar encontrar as respostas – ou, talvez, saber formular melhor as perguntas – e aos historiadores relatarem meticulosamente seu trabalho, caso essa empreitada seja merecida. Apenas quando deixamos alguém contar sua história *in totum* (na totalidade) é que podemos melhor acolhê-la *in petto* (no coração).

A historiografia das idéias deve ousar submergir gradualmente em águas mais profundas e caudalosas, coletando delas suas preciosas pérolas, ao invés de apenas ficar navegando de forma aleatória por superfícies que, num primeiro momento, dão a ilusão de cobrir vastos

blocos do *saber* (muita informação), mas que na verdade somente tocam de leve a apreensão do *Ser* (pouca compreensão). Aqui, é bom lembrar a advertência de Tomás de Aquino: "Temo o homem de um livro só".

EDUCAÇÃO E SENTIMENTO

Se as emoções e os sentimentos são tão pronunciados em nós, por que as escolas não colocam em suas grades curriculares alguma disciplina que trate destes assuntos? Por que a “sentimentologia” não se torna uma matéria básica do ensino, ao lado da matemática e do estudo do idioma?

Diz-se que os sentimentos não se estudam, se vivenciam. Mas o que estudamos não é exatamente aquilo que vivenciamos, na nossa experiência individual ou coletiva? Será que emoções e sentimentos são temas que somente os poetas e especialistas podem explorar? Não deveria ser assim. Todos poderíamos ser estimulados, desde crianças, na pesquisa das nossas características emocionais, o que, infelizmente, não acontece por estarmos numa sociedade extremamente racionalista.

Para Antonio Damásio, homem de laboratório, a esfera emotivo-sentimental estaria totalmente associada à consciência, que, por sua vez, está ligada a certas

estruturas biológicas. Nossos padrões neurais – e, conseqüentemente, nossos sentimentos – seriam o conjunto das “... representações da relação entre o organismo e o objeto (que, neste caso, é uma emoção), e do efeito causal desse objeto nesse organismo” (1999; p. 353).

Assim, o pesquisador português nada mais faz do que reavivar, no âmbito neurocientífico, conceitos há muito difundidos pelo taoísmo (yin/yang) e por Spinoza (“*Deus sive natura*”), os quais fazem referência ao binômio indissolúvel mente/corpo.

Antes de outras considerações, devemos diferenciar emoção e sentimento. À emoção está associado o lado instintivo do homem (as pulsões, o *id* freudiano), isto é, a paixão, o ódio, o medo. O sentimento, por sua vez, relaciona-se ao prisma consciencial, aos valores éticos (*superego*)¹⁰. O sentimento seria o refino das emoções: a paixão tornando-se amor; o ódio, fraternidade; o medo, compreensão.

E o que faz a emoção transformar-se em sentimento? O ego, a marionete do *id* ou o embaixador do *superego*? As respostas não são fáceis, mas isso não implica no abandono da procura. Quando se aventa a impossibilidade de se entender racionalmente o sentimento, evoca-se Pascal: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. É claro que razão e sentimento são vetores paralelos, um não podendo ser reduzido ao outro. Portanto, o intelecto, por si só, nunca decodificará o plano emotivo-sentimental.

Não decodificará, e entretanto, – como uma espécie de vingança –, busca subjugar-lo, principalmente a partir do Iluminismo. Alçada ao trono do real, a razão desconsidera o sentimento, considerando-o frívolo, volátil e indigno de crédito. Esta postura reflete-se de forma explícita na elaboração das matérias oferecidas nas escolas e no grau de importância dado a cada uma: em cima, as racionais (Matemática, Física); no meio, as não tão

¹⁰ O mundo valorativo e a fenomenologia dos sentimentos, de Max Scheler, firma-se nesta diferenciação.

racionais (História, idiomas); no baixo, as “irracionais” (Educação Artística, ética, espiritualidade).

Por aí se vê que não existe preocupação de fazer com que o aluno, desde pequeno, procure compreender ou relacionar-se melhor com a dimensão afetiva, tanto a sua quanto a dos outros. Imagine quantos dissabores emocionais – frustrações, ressentimentos, divórcios, medo, depressão, baixa auto-estima, entre inúmeros – poderíamos evitar ou pelo menos minimizar ao longo da vida se, logo cedo, buscássemos fazer dos nossos sentimentos um “laboratório” de estudo. Quando falo em laboratório, não visualizo pipetas e planilhas, mas sim troca de experiências e percepções; vejo reflexão com o coração e não apenas com o cérebro.

A sociedade designa apenas à família a tarefa de educar as crianças no campo afetivo. Quando ocorrem distúrbios – cada vez mais freqüentes nesta sociedade consumista e apressada – recorre-se aos especialistas (neurofisiologistas, psicoterapeutas e correlatos). Isso continuará ocorrendo enquanto não olharmos com mais

“carinho” para a questão da educação emocional em nossas escolas, porque, tanto quanto racionais, somos seres sentimentais.

SABER E FALAR

Ao homem apraz mais querer descobrir até onde chegará o seu caminho do que propriamente caminhar. Por isso o debate epistemológico e semiológico, principalmente em nossos tempos, é tão fecundo. Isto posto, vejamos alguns matizes da dinâmica existente entre conhecimento e significado, ou seja, entre o saber e o falar. Como se dá o intercâmbio entre os dois? Até que ponto podemos afirmar com segurança que verdadeiramente sabemos o que falamos? Seria apenas através da expressão lingüística – verbal e corpórea - que o conhecimento consegue se manifestar?

“Quem sabe, não fala”, “Sobre aquilo que não podemos falar, devemos calar”. Em um tempo longínquo e em outro nem tanto, Lao Tzu e Wittgenstein fazem afirmações difíceis de serem contestadas. E por quê? Uma possível resposta seria que eles, entre outros sábios, perceberam que, apesar da quantidade e da qualidade, nossos enunciados ficam, por natureza, muito aquém da

“tarefa” a eles imposta de decifrar o conjunto da realidade. No máximo, as palavras podem *indicar* aspectos parciais do mundo, porém, sem explicá-los totalmente, sendo esta a premissa-mor zen-budista (“O dedo *aponta* a Lua, mas não *é* a Lua”). Pensando bem, que sorte que as palavras não dizem tudo! Se a linguagem, tanto a falada quanto a escrita, retratasse exatamente a realidade ela a extinguiria para nós, porque cessaria nossa propensão em vivenciar o mundo (para que *me jogar* na vida se eu posso saber de antemão o que experimentarei? Se assim fosse, bastaria para nós vivermos trancafiados em bibliotecas e debaixo da saia dos (auto)nomeados professores, o que seria uma calamidade).

Mas a vivência se “vinga” da linguagem ao deixar claro que aquilo que percebemos nem sempre é o que nos falaram que seria (a experiência “mística” ultrapassa a verbosidade “teológica”). Por isso, se você está agarrado de forma neurótica a alguém que tem o hábito de querer explicar tudo (principalmente quando vive enaltecendo

algum produto humano específico: ciência, religião, filosofia, arte etc.), uma dica: fuja.

A natureza da linguagem, como não poderia deixar de ser, é dicotômica, isto é, as palavras possuem *significado* (denotação, objetividade, coletividade) e *sentido* (conotação, subjetividade, individualidade). Daí a confusão quando exageramos na importância da linguagem: um texto tem um sentido para mim; para outro, tem outro sentido. Buscar a ferro e fogo uma significação – ou seja, um sentido comum – é o ideal da metodologia das ciências. No campo das exatas e biológicas – sendo a matemática o exemplo maior – isso é feito com relativo sucesso. Já na área das humanas tudo se complica, porque o sentido deriva da experiência na qual está envolvida a subjetividade. Os antigos diziam: “Os deuses são silenciosos”.

Mas toda moeda possui dois lados. Afinal, nos deram ou construímos a capacidade de comunicação e conhecimento para ser usada! No homem, a língua não serve apenas para degustar os alimentos, bem como

a cabeça para separar as orelhas. “O verbo se fez carne”, diz a Bíblia. Qual é a melhor forma de verificarmos a quantas anda o nosso conhecimento? Pela linguagem! As palavras têm a função de mostrar o que (achamos que) sabemos, mesmo que, ao final, sirvam somente para expressar: “*Hoc unum scio, me nihil scire*”!¹¹. Paradoxo. Na verdade, os deuses não são silenciosos, eles estão ocupados, rindo de nós...

Conhecimento e linguagem se intercalam, não havendo preponderância de um sobre o outro. “Quem sabe, não fala” encerra uma contradição, pois, se fôssemos fiéis à frase, não a expressaríamos! Por outro lado, jamais a palavra, por si só, constrói o mundo e o conhecimento que dele temos. O real *já-está-aí*, abarcando o *ser-aí*¹², o qual, aos poucos, vai se dando conta disso. Este processo não é de todo explanável, pois sua experiência é singular. Nisso reside sua beleza e interesse.

¹¹ Uma coisa eu sei: que nada sei. (Sócrates)

SOBRE A RELIGIOSIDADE

O que realmente quis dizer Nietzsche quando afirmou que Deus morreu? Ele se referia à falência do divino em si ou apenas da projeção/representação míope que Dele construímos ao longo do tempo, sobre a qual mantivemos nossos castelos de areia morais? Se o pensador teutônico estava certo ou não, é dispensável discutir. O que importa mesmo é que suas constatações sacudiram o mundo ocidental, por tocar num ponto até então considerado inabalável: os valores religiosos. E quando se fala em religião, tudo o que há de mais profundo em nós vem à tona: nosso esclarecimento e nossa ignorância; nossa esperança e nossos medos; nossa luz e sua falta; enfim, tudo aquilo que está muito acima – e abaixo – do Bem e do Mal.

¹² O homem heideggeriano.

Quem nunca teve algum tipo de vivência interior mais “sublime” do que o normal? Lembro-me bem como, na infância, meu relacionamento íntimo com a religião organizada era, digamos, conflitante, no sentido de que, quando o sentimento religioso emergia, momentaneamente tudo tomava um colorido diferente, *independente* de eu estar na escola, em casa, no trabalho, em recreação ou, até mesmo, na igreja. Ou seja, sempre foi bem clara para mim a noção e, mais importante do que isso, a *vivência* da procura pelo refinamento da relação com o divino que está em nós e que a tudo abarca e assiste. Porém, concomitantemente, logo percebi que essa busca, pelo menos na minha concepção, não tinha muito a ver com os rituais dominicais pré-formatados, aos quais observava. Assim, cedo pude verificar a diferença entre religião e religiosidade.

As religiões, tanto as tradicionais quanto as “moderninhas”, constituem-se na institucionalização *exterior* da espiritualidade *interior*. Daí seu caráter secundário, fenomênico, secular. Conforme

a cultura e o local do planeta onde a consciência vem manifestar-se fisicamente, agrega-se um “ismo” ao prefixo eclesiástico dominante e tem-se sua denominação religiosa “oficial”: adepto do cristianismo, do budismo, do islamismo, do hinduísmo, do...

A religião é uma tentativa de colocar em moldes humanos aquilo que está fora de qualquer moldura. Por isso os cientistas, em vários aspectos, acabam “vencedores” no embate com os religiosos. É uma luta desigual.

Já a religiosidade é inerente à consciência. É a nossa (re)ligação – *religare* – com os semelhantes, com o mundo e, por isso mesmo, com a supraconsciência. Quando o bem alheio nos é caro, quando estamos sentindo uma afetuosidade não-circunscrita, quando paramos para refletir profundamente sobre as coisas da vida, estamos sendo religiosos, exercendo nossa condição de seres espirituais. Até o vulgo, em sua busca insaciável por entretenimento, dinheiro, conhecimento instrumental, poder, prestígio etc., está sendo religioso, porque, no

fundo, mesmo que de forma oblíqua e através de simulacros, está procurando algo que lhe falta, aquilo que o transpõe, em última instância, está atrás da região de onde promana o Bem universal. Mesmo não o sabendo (igual à massa), não o querendo (igual a Nietzsche) ou ignorando-o (igual à maioria dos cientistas e pensadores), os homens estão nas veredas do inefável.

O temor de que o mundo esteja se tornando menos – ou mais – religioso é infundado. Se as religiões estabelecidas perdem sua força, as seitas proliferam-se. Religiosidade e consciência são indissociáveis, perfazendo uma autêntica simbiose; o impulso em direção ao transcendente nos acompanha de forma perene. Portanto, junto aos nossos egos científico, mundano, filosófico e artístico, sempre haverá espaço para o ego religioso.

EM DEFESA DO AUTODIDATISMO BRASILEIRO

Concordamos com a afirmação da contracapa do livro do padre Leonel Franca *Noções de História da Filosofia*, segundo a qual o autor “... comunicava a tudo aquilo que tocava uma clareza inconfundível...”. Realmente, o padre Leonel foi um exemplo de dedicação à Filosofia e a sua disseminação. Todavia, um ponto de vista dele merece algumas objeções. Algumas afirmações do padre Leonel (1990, p. 264): “O autodidata não se submete às exigências de um estudo metódico”; “atira-se afoitamente às leituras que lhe atraem as preferências”; “baralha idéias heterogêneas”; “confunde erudição com ciência”; “convence-se de que é profundo filósofo porque leu muitas filosofias”.

É evidente que muitos dos que se proclamam autodidatas confirmam esse veredicto, fazendo de suas cabeças – e não raro, também das alheias – um labirinto de

conceitos e opiniões desconexas e obscuras. Mas daí a rebaixar o autodidatismo há um grande hiato. Também é claro que um certo direcionamento na teoria e prática filosófica auxilia muito o estudante, poupando-o de algumas agruras presentes no caminho do saber. Não é exatamente isso o que fazem – ou pelo menos deveriam – os gurus? O errado é confundir *controle* com orientação; *neofobia* com tradição; *refreamento* com zelo.

Inquirindo padre Leonel, replicamos: o que caracteriza um estudo metódico? Que segue um método, é lógico! E o que é um método? Um plano, uma estratégia, uma tentativa de, no fundo, poder ter um mínimo de controle quanto ao resultado almejado, e é isso o que a ciência procura fazer (daí nascem as metodologias de ensino que devem servir para *facilitar* a vida do aluno e não para reprimi-la). Usando as palavras do próprio padre, não se pode confundir erudição (Filosofia) com ciência, porque cada uma está buscando coisas diferentes; no caso do “ensino” *filosófico*, não seria aconselhável aplicar métodos *científicos*, ou seja, procurar com muita

veemência através de alguma metodologia adquirir destreza no manejo dos conceitos filosóficos. *É ponto pacífico para muitos estudiosos que a Filosofia está muito mais para a literatura do que para as planilhas.* Para ilustrar, recorremos a Bauman, sociólogo polonês, o qual afirma no caderno Mais! da Folha de São Paulo (19/10/2003): “Creio que a experiência humana é mais rica do que qualquer de suas interpretações, pois nenhuma delas, por mais genial e "compreensiva" que seja, pode exauri-la. Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranquilo de viagem.”

Sendo assim, pode ser louvável e não condenável a atitude daquele que “atira-se afoitamente às leituras que lhe atraem as preferências”. É claro que se deve ter pelo menos uma boa noção do conteúdo geral dos sistemas filosóficos, mas com certeza a pessoa só irá se aprofundar naqueles com os quais possui empatia, isto é, naqueles que mais comungam com a sua percepção das coisas. Não fez

isso o padre, notoriamente um tomista¹³, até mesmo devido à *força do hábito*? Baralhar idéias heterogêneas deve ser praxe entre os pensadores; fazendo isso, não caímos no perigo do unilateralismo, do dogmatismo, os quais, todos sabemos, são atitudes antes *religiosas* do que *científicas*.

Hoje, com o avanço tecnológico, a difusão do conhecimento está cada vez maior. Isso propicia a multiplicação do saber em todos os campos, pois mais pessoas têm a oportunidade de participar no processo de elaboração do conhecimento. Tal fato também obriga os indivíduos a estudar por conta própria, ou seja, a desenvolver o autodidatismo “na marra”. Tanto que a tendência das instituições escolares é se adaptar à nova realidade da educação continuada e da modularização do ensino, oferecendo uma gama muito maior de disciplinas especializadas que condizem com a procura dos estudantes, agora considerados como *clientes*.

¹³ Tomista: pessoa afeita às idéias de São Tomás de Aquino

O correto mesmo é buscarmos o equilíbrio entre as obrigações acadêmicas e o viés espontâneo da aprendizagem, entre o legado cultural e as renovações/ inovações inerentes à própria vida, as quais, amiúde, manifestam-se alicerçadas no autodidatismo, o qual, temos esperança, seja continuamente estimulado entre os alunos brasileiros, se quisermos, verdadeiramente, ver surgir algum dia em nosso país um pensador de envergadura internacional.

ERUDIÇÃO E PARAPSIQUISMO

Luciano, já no início do primeiro milênio, observou com perspicácia e sarcasmo a vã movimentação dos humanos quando observados, por exemplo, da Lua. “Insetos frenéticos e sem rumo”, dizia. Em relação a determinados assuntos – entre os quais os fenômenos parapsíquicos – a maioria da classe erudita faz jus ao quadro exposto pelo pensador de Samósata, já que insiste em desprezá-los. Se o homem quiser expandir sua consciencialidade, a primeira coisa que ele deve fazer é desprezar o apriorismo.

Quais os reais motivos que levam ao distanciamento da erudição em relação às práticas do desenvolvimento parapsíquico? Será mesmo que intelectualidade e parapsiquismo são, necessariamente, termos excludentes? Quando analisamos a relação entre

parapsiquismo e erudição, logo vem à mente este cenário: de um lado alguém culto, letrado, mas quase sempre totalmente ignorante quanto à realidade parapsíquica que esta aí, extrapolando os cinco sentidos; de outro, uma pessoa sensitiva, com poderes ditos “paranormais”, contudo apresentando pouca bagagem cultural, incapaz de comunicar com clareza e profundidade suas experiências “incomuns”. Ah, se os intelectuais soubessem o quanto o parapsiquismo pode auxiliar no esclarecimento de assuntos considerados obscuros! Ah, se os sensitivos soubessem a satisfação íntima que o mundo erudito proporciona!

Felizmente, existem exceções à regra. Na Antigüidade, no Ocidente, podemos destacar Pitágoras e Plotino como resultado da erudição com alguma forma de parapsiquismo. O primeiro, tendo bebido nas águas de Orfeu, misturou Matemática e Misticismo, não sem uma boa dose de confusão. O segundo é um ícone tanto da Filosofia – por agregar aspectos de Platão e Aristóteles – quanto da Metapsíquica, inclusive sendo

intitulado por muitos “pai” da mística ocidental. Cabe frisar que estou considerando, neste escrito, parapsiquismo correlato de misticismo, mesmo sabendo da diferença conceitual entre eles ¹⁴, isto é, parapsiquismo seria um tipo de “materialismo sutilizado”, enquanto misticismo seria a busca da transcendência, do Uno.

Dando um salto no tempo, podemos também aludir a Swedenborg. O sueco foi um exemplo vivo de como o parapsiquismo pode destrambelhar o psiquismo, tanto que Vieira cunhou o termo “Síndrome de Swedenborg” como sinônimo de erudição desperdiçada.

É, a vida oferece riscos. Todavia, isso não pode acarretar no abandono da teoria e principalmente da prática parapsíquica. Não podemos ser iguais aos caranguejos que não permitem uns aos outros saírem do cesto, se colocados em um.

Em nossa época, podemos citar Jung e Vieira. O suíço, dissidente de Freud, sentiu-se impelido a pesquisar mais de perto os fenômenos “ocultos”,

¹⁴ Diferença essa tão cara a Paul Brunton (ver *The Sensitives*, 1987).

enquanto o médico brasileiro, além de estudá-los, afirma que os vivencia. E a prática, a experiência é o que realmente vale, sendo incomensuravelmente superior a qualquer “hipótese” metapsíquica, parapsicológica. Uma única vivência *per si* supera em muito centenas de teorias *inter psi*.

Não que o parapsiquismo seja uma panacéia para todas as náuseas existenciais. Pelo contrário, pode até aumentá-las, se não for bem compreendido seu alcance e propósito. Por exemplo, alguns querem ter uma OBE (Out-of-Body-Experience), popularmente chamada de “viagem astral”, pressupondo que assim tornar-se-ão “iluminados”. Que decepção quando, ao se verem fora do corpo físico, perceberem que continuarão sendo eles mesmos e que Deus não estará lá em pessoa discorrendo sobre os segredos do Universo ... O parapsiquismo nada mais é que uma ferramenta, uma capacidade fisiológica (ou melhor, *parafisiológica*) que podemos usar, se estivermos dispostos, para ajudar na apreensão da realidade. O parapsiquismo está contido na existência,

e não o contrário.

Talvez a razão principal do distanciamento entre os mundos erudito e sensitivo seja o enfoque incorreto que, ao longo dos séculos, se deu diante da fenomenologia parapsíquica, considerada um tabu pela religião judaico-cristã (as bruxas que o digam) e, ao mesmo tempo – principalmente a partir da adoção do paradigma cartesiano-fisicalista-reducionista pela ciência “oficial” – sendo desconsiderada pelos intelectuais e até motivo de escárnio (daí a expressão “místico e confuso” usada por eles quando se referem ao parapsiquismo). Assim, a realidade parapsíquica tornou-se campo fértil para todo tipo de credice e charlatanice, que continuarão existindo enquanto a grande maioria dos eruditos continuarem fazendo vistas grossas aos fenômenos paranormais que, oxalá, deixarão de ser “para” e sim, apenas, normais.

Outro caminho seria os indivíduos que possuem o parapsiquismo mais desenvolvido procurarem expandir sua intelectualidade, seu senso crítico, sua comunicabilidade, enfim, seu aparato cultural. Assim,

conseguiriam repassar aos semelhantes relatos mais detalhados de suas experiências e elaborar técnicas mais eficazes no desvelamento do “sobrenatural”. Neste âmbito, podemos considerar Vieira como um exemplo. Seu tratado *Projeiologia*, publicado em 1986, é uma fonte interessante de pesquisa para os neófitos e de debate para os nem tanto.

Um tema delicado para o Existencialismo e a Fenomenologia é a questão de *Tanatus*, a morte, a qual suscita elucubrações sem fim (e, muitas vezes, sem nexos). Pois bem, bastaria ao estudioso o despojamento, a vontade e a aplicação de algumas técnicas simples de projeção consciencial para fora do soma para verificar, *ipso facto*, que nós somos seres multidimensionais (podemos vivenciar com lucidez outras dimensões de manifestação) e pluriexistenciais (tivemos e teremos outras existências físicas). O desafio está lançado. Quem aí tem medo de psiquiatra?

Considero o parapsiquismo como um estímulo para a nossa sede de conhecimento e, por que não, de aventura.

Ele nos impele em nosso processo evolutivo. Alguns dizem que, o que o sensitivo vê, o pensador antevê, mas imagine juntarmos o melhor dos mundos em uma só pessoa: o caráter de um Gandhi, a profundidade de um Husserl e as experiências de um Edgar Cayce. Utopia? Só se quisermos.

PORQUE ESTUDO FILOSOFIA

Início este escrito com um trecho de Arcângelo Buzzzi, que, em *Introdução ao Pensar* (1997, p. 165), nos fala de sua “...afeição pelo Ser que produz em nós a *inquietação*, a *admiração*, a *angústia*, o *medo* e a *coragem*”. É um bom modo de tentar definir o que me faz estudar Filosofia.

Confesso que filosofar, para mim, é uma atividade extremamente prazerosa e gratificante: sempre gostei de refletir livremente sobre a existência, sobre o cotidiano, sobre a grandeza e a miséria humana. No ambiente acadêmico, normativo por natureza, essa reflexão perde um pouco do seu viés espontâneo, mas ganha em precisão e rigor, daí o desafio de conseguir um diploma de Bacharel em Filosofia se tornou, para mim, estimulante.

Ao término da Faculdade de Filosofia, percebi um dos motivos principais que me levaram a cursá-la: *inquiétude*, traço que me caracterizou desde pequeno. Quem é muito inquieto não se satisfaz com rotinas e coisas pré-formatadas – mas não é isso o que a educação nos impinge? Busque uma especialização, seja um técnico semiculturalizado – é o seu canto de sereia. Aos 17 anos, até por causa das pressões sociais e da expectativa alheia, admito que fui parcialmente encantado pela sereia e iniciei o curso de Engenharia Mecânica, mas logo vi que aquilo – apesar das amplas possibilidades de mercado no momento (1988) e de envolver matemática e física, disciplinas que sempre achei fascinantes – não era para mim. Demorei uma década para retomar contato com o mundo acadêmico, mas dessa vez fiz a escolha certa: o que mais poderia se encaixar no meu perfil irrequieto senão a Filosofia, com sua fornalha incessante de apreciações quanto ao real, com seu interminável questionamento a respeito do mundo?

Sempre tive *admiração* pelas coisas. A realidade me fascina há muito: por que sou o que sou e não o que não sou? Ou apenas *ainda* não sou o que *já* poderia ser? O que é *ser*? Já na infância este espanto me fazia procurar o porquê da existência nas conversas com a família e com os amigos, na escola, em mim mesmo e, certamente, nos livros.

Ah, os livros... Ainda hoje é assim: surge o interesse por alguma coisa em especial e logo estou lá, tentando satisfazê-lo nas bibliotecas físicas e virtuais. Nos últimos meses, a reflexão sobre a felicidade levou-me ao clássico Epicteto e seu *A Arte de Viver*, bem como ao contemporâneo Luc Ferry e o seu *O que é uma vida bem-sucedida?* Parei para pensar na ideologia capitalista com sua voraz competição e na repercussão disso nas atitudes das pessoas e logo me deparei com *A corrosão do caráter*, de Richard Sennett. Como sou apaixonado por sociologia, recentemente descobri os ótimos Zygmunt Bauman, através de sua obra *Comunidade*, e Michel Maffesoli e o seu *O Tempo das*

Tribos. Li as *Confissões*, de Santo Agostinho, e encontrei muitos paralelos com a minha vida ... *Ensaio*, de Emerson, é uma presença constante, para não dizer reconfortante, tamanho é o meu apreço pelo escritor que está no epicentro do Transcendentalismo norte-americano. Uma figura para mim revigorada, desde que descobri seu mais ilustre comentador, Stanley Cavell, autor de *Esta América Nova, Ainda Inabordável*.

De Cavell tomarei emprestada uma nota para tentar justificar a descrição dos livros que escolhi sondar ultimamente e para embasar o comentário do parágrafo que está por vir. Diz Cavell (1997, p. 11):

“Richard Rorty observou que eu, como muitas pessoas hoje em dia, estou engajado num processo de reanonização, promovendo certos textos e rebaixando outros. Fazer isso, prosseguiu Rorty, é bom; mas estar sempre preocupado se alguns dos textos que promovo são filosofia ou algo diferente (digamos, literatura) é desnecessário; ou melhor, é preocupação para chefes de

departamentos universitários. Balbuciei, alegando que há modos diversos de preocupação e que não estou basicamente interessado em listagens de textos, mas sim nos processos que levam a descobrir e a adotar um texto – decerto, segundo os meus interesses. (Então é aí que surge a preocupação desnecessária? Mas, que me conste, meu chefe de departamento não está preocupado quanto à fonte e à constituição de meus interesses. Embora eu esteja.) Teria sido útil acrescentar que aquilo que me interessa, numa obra, é o que ela revela ser, deixa ocorrer, valoriza, e que isso não se deixa determinar pela forma como um chefe de departamento, ou qualquer outra pessoa, decida classificar textos e, assim, investir neles?”

A Faculdade de Filosofia, como disse, é um desafio porque se acaba tendo que ler textos não selecionados pelo aluno, e isso, instiga Cavell – e referenda, humildemente, este autor, no ensaio anterior *Referências ou Reverências Bibliográficas?* – acaba afrouxando a espontaneidade da produção filosófica. Em contrapartida, há obras que,

queiramos ou não, tenhamos afinidade ou não, todos devemos estudar, até mesmo como uma profilaxia contra o desconhecimento, contra a estreiteza de visão e o unilateralismo, fundamentos da ideologia, não da Filosofia. Esse é o lado “saudável” do mundo acadêmico: hoje vejo-o como um guardião – às vezes meio obtuso, é verdade – “da moral e dos bons costumes” no estudo filosófico.

Retornando ao norte dado por Arcângelo Buzzi, desde os porquês infantis até aqueles um pouco mais elaborados, sinto o *admirável mundo novo* de todos os dias sempre presente, inclusive naqueles em que a *angústia* ganha forma mais caudalosa. Aí, a admiração surge com o *angst* em si: percebo que sou um nada no meio do tudo; contudo, não seria o tudo composto de infinitos nadas? Acho que *heideggerei* demais agora...

O *medo*, admito, também é meu companheiro. Quem não tem medo? Da morte até que não tenho muito, mas outros sim: medo de mim mesmo; medo de ter medo e de provocar medo.

Por último, está a *coragem*. Como sempre será suspeito aquele que afirma ser corajoso, essa característica muito mais admiro do que admito: admiro a coragem de Sócrates ao tomar a cicuta; a de Giordano Bruno, ao manter a convicção de suas afirmações mesmo quando a fogueira acabava com seu corpo, mas não com suas idéias; a de Lutero, na concretização do que para ele seria a verdadeira religião; e a de todos nós, pois necessariamente temos que guerrear neste mundo, mesmo que seja o *bom combate*.

No fim da nossa pequena jornada, qual a conclusão? Parece-me ser a elaboração da pergunta: nos escritos sempre *concluimos* alguma coisa, não é mesmo? Toda conclusão é sempre um ponto de partida. Todo texto, por mais elaborado e requintado, aos nossos olhos assemelha-se à existência: na verdade, não fica bem claro onde começa e onde termina. O que realmente interessa são os *momentos* do texto, sendo a “conclusão” apenas mais um deles, como nos orienta Emerson em seu ensaio *Experiência*: “Concluir o momento, encontrar o fim da

jornada a cada passo do caminho.” Ou a cada palavra de um escrito.

FACES

Já se disse que o mundo tem muitas faces. A face do dia e a da noite; a face do bem e a do mal. A Lua tem a face clara e a escura. Entre os homens, possuir várias faces pode ser sinônimo de versatilidade ou falta de caráter, conforme o julgado, o julgador e a circunstância. Ter duas faces, igual a Juno, logo é associado a indeciso ou a equânime, equilibrado. Ter uma só, para alguns, quer dizer inflexibilidade, obtusidade; para outros, integridade, confiança.

Quanto uma bela face mexe conosco... Tanto que, no meio islâmico mais conservador, as mulheres só podem sair à rua mostrando meia-face, pois a face inteira, supõem, poderia despertar emoções mais fortes e desestabilizar, assim, a sociedade. Rita Lee aludiu a isso no trecho de uma de suas músicas “as faces de Eva, a bela e a fera...” e também, indiretamente, São Paulo, quando afirmou que, através do amor, veremos face a face o divino.

E isso se dá em vários contextos, inclusive no filosófico. Parafraseando-me, posso dizer: quanto certas faces da Filosofia mexem comigo... Entre elas, sem dúvida, o Existencialismo, a Fenomenologia e facetas de ambas. O que as faz tão interessantes e ricas? Acho que a capacidade de serem, a um só tempo, cristalinas e obscuras, abstratas e concretas, fáceis e difíceis, enfim, representarem com fidelidade nossa realidade tragicômica, na qual se desenrola o *embate* entre o Uno e o Múltiplo.

A angústia kierkegaardiana, o martelo de Nietzsche, a *epoché* e a redução eidética husserliana, o *Dasein* de Heidegger, o mundo valorativo e a vida como resistência de Scheler, o diálogo buberiano, as cifras da transcendência de Jaspers, a náusea sartreana. Múltiplas faces, um só rosto. O rosto do real. O Existencialismo pretende explorá-lo; a Fenomenologia, descrevê-lo. O Existencialismo pauta-se no relacional e na (im)possibilidade; a Fenomenologia, no transcendental e na intencionalidade.

Face a tudo isso, concluímos que o Ser é singular,

mas os entes que nele vivem são plurais. Com a Fenomenologia podemos entender melhor nossa interface com o real; com o Existencialismo, as infinitas faces que o Ser, através de nós, assume.

O estilo adotado pelo autor em suas obras é bastante *sui generis* e atraente, pois utiliza uma linguagem filosófica enriquecida por frases de homens célebres ou por expressões estrangeiras populares para marcar passagens que deseja enfatizar. Expõe temas complexos e profundos de maneira simples e curiosa, induzindo-nos a questionamentos durante toda a leitura.

Não é fácil falar sobre amor, verdade, conhecimento, coexistencialidade, razão ou liberdade nesta era dita pós-moderna, onde existe uma saturação de idéias sem criatividade. Contudo, Dzis propõe uma filosofia que visa extrapolar as barreiras dogmáticas e materialistas, conduzindo o leitor a uma visão mais transcendente da existência humana.

Este livro com certeza contribuirá para aqueles que buscam o aperfeiçoamento ético e o autoconhecimento pleno, pois discorre sobre tópicos importantes direcionados sempre à evolução da consciência.

*Francisco de Biaso, pediatra
e escritor*

O homem deseja o controle; a vida busca a espontaneidade. Veja a criança, como é feliz por se movimentar no agora e ficar maravilhada com o novo; veja o adulto, como é infeliz por se fixar no ontem/amanhã e ficar desiludido com o velho: velhos preconceitos, velhos paradigmas, velhos desejos sublimados, velhos sonhos nunca realizados. Lembro-me de ter escutado uma pergunta profundamente espirituosa: *você já viveu 10.000 dias ou o mesmo dia 10.000 vezes?* Faz pensar.